

LILIAN TEIXEIRA DE SOUSA

**FORMAS REDUZIDAS DE ITENS NEGATIVOS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras - UFMG
2007

LÍLIAN TEIXEIRA DE SOUSA

**FORMAS REDUZIDAS DE ITENS NEGATIVOS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Variação e Mudança Lingüística.

Orientador: Professor Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte
Faculdade de Letras - UFMG
2007

Ao homem da maior barba do mundo
e às suas noites de insônia.

“Não é possível viver em dúvida. Teremos de duvidar da própria dúvida e, então, a dúvida não subsiste. Por outro lado, se acreditamos na dúvida, já não duvidamos”.

Cyro dos Anjos.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Lorenzo Vitral que, com sua orientação sempre atenciosa, possibilitou a realização deste trabalho.

Aos Professores Dr. José Olímpio Magalhães e Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha, por gentilmente aceitarem compor a banca examinadora.

À UFMG e ao Programa de Pós-graduação em Lingüística (Poslin), pela oportunidade de realização do curso.

Aos Professores, pelo exemplo de compromisso com o ensino e a pesquisa.

Ao CNPq, pela concessão de uma bolsa de estudos.

Aos Professores Dra. Jânia Ramos, Dra. Maria do Carmo Viegas, Dr. Lee e Dr. Fábio Bonfim, pela colaboração na obtenção de bibliografia.

Ao Prof. Dr. Rui Rothe-Neves, pelas discussões epistemológicas.

À Profª. Dra. Mônica Alkmim que, por acreditar no potencial de uma ainda iniciante pesquisadora, foi fundamental a realização desse curso.

Aos professores do Departamento de Letras da UFOP, pelo ensino e pelo coleguismo.

À Magali, à Juliana e à Elizete, minhas pacientes revisoras.

À Érica e à Ivonicléia, pela ajuda durante o importante processo de contato com os informantes.

À Adelma, por me ajudar com a análise acústica.

Aos colegas Leonardo, Elizete, Iara, Elaine e Juliana, pelas discussões e sugestões;

À Ícara Lina, por me mostrar o lado belo da dúvida.

Aos meus pais e irmãos, torcedores incondicionais.

Às amigas de república, Magá e Ju, pela companhia e pelo bom humor.

Aos amigos do café filosófico, por tornarem as minhas quartas-feiras mais eruditas.

Aos amigos Leandrinho, Fernanda, Maysa, Gilmar, Ceriz, Elizete, Iara, Leo, Candice, Elaine, Adriana, Magali, Juliana, Ronan, Érica, Adelma, Diego, Ana e Marisa, pela companhia nesses últimos dois anos.

RESUMO

O presente trabalho trata das formas reduzidas do **não** pré-verbal no Português Brasileiro (PB). A hipótese inicial é que a redução é fruto de um processo de *gramaticalização* em que um termo da língua muda de estatuto, tornando-se mais gramatical através do tempo. Segundo a literatura sobre *gramaticalização*, o processo passa por transições graduais que apresentam as seguintes etapas: item lexical > item gramatical > clítico > afixo > Ø.

Os estudos que tratam da redução da negação reconhecem como formas de realização do item negativo a forma plena **não** e as reduzidas **num** e **nu**, sendo essas últimas consideradas, geralmente, como a etapa “clítico” do processo. No nosso estudo, no entanto, pôde-se observar também a ocorrência do item com vogal oral ([ũ]) e, em alguns casos, apenas como uma nasalidade que, seguida por verbo iniciado por vogal, se incorpora ao item posterior; são alguns exemplos os itens **nadiana**, **nimporta**. Essa última ocorrência se aproxima da forma de distribuição sintática de um afixo, o que apontaria indícios para a etapa “afixo” do processo de *gramaticalização*.

O *corpus* utilizado é formado por entrevistas sociolinguísticas, realizadas com informantes nascidos na cidade de Mariana/MG. A amostra foi dividida, de acordo com a faixa etária do informante, em cinco grupos: crianças, adolescentes, jovens, medianos e idosos.

Como forma de avaliar a hipótese, realizou-se, em um primeiro momento, a análise acústica da duração dos itens e, posteriormente, utilizou-se de pressupostos variacionistas para avaliar se a alternância entre os itens ocorre como *mudança em progresso*. Quanto à análise da duração, pôde-se perceber uma gradualidade na redução da negação; a média dos valores em milésimos de segundo por item foram: 150.4 para **não**, 130.9 para **num**, 80.5 para **nu** e 55 para **ũ**. Já para a análise quantitativa, os resultados indicaram variação estável.

ABSTRACT

This study provides a description and analysis of the reduced forms of preverbal negation in Brazilian Portuguese. The first hypothesis is about a *gramaticalization* process, with the category change of word, most especially the process whereby items become more grammatical through time. According to *gramaticalization* literature, the process follows some stages: content item > grammatical word > clitic > inflectional affix > Ø.

The studies about the negation reduction show as reduced forms of negation item the full one – *nãõ* – and the clitic ones, *num* and *nu*. In this study we recognize two more varieties: a nasal vowel ([ũ]) and a nasal following a verb with a vowel in the first syllable, some examples are: *nãdianta*, *nĩmporta*. The negation item ‘nasal plus verb’ seems to be an affix, the fifth stage of *gramaticalization* process.

The corpus that has been used in the course of this work is composed of interviews with informants from the city of Mariana. The samples were divided in five groups: 1. children, 2. teenagers, 3. young adults, 4. adults and 5. elderly.

To test the hypothesis, in a first moment, we proceed to an acoustic analysis of the items duration and, after, a quantitative analysis to check if the variation in the preverbal negation is a change in progress. Trough the acoustic analysis we perceived a gradual negation reduction; the average for each item was: 150.4 ms to *nãõ*, 130.9 ms to *num*, 80.5 ms to *nu* and 55 to *ũ*. The quantitative analysis indicated stable variation.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Média da frequência (Hz) e intensidade (dB) dos formantes das vogais [ã], [ũ] e [u].....	52
Tabela 2 - Distribuição dos itens negativos no <i>Corpus</i> analisado.....	57
Tabela 3 - Duração média dos itens negativos, em milésimos de segundo, por falante.....	61
Tabela 4 - Duração média geral dos itens negativos presentes no <i>corpus</i>	62
Tabela 5 - Distribuição das Construções Negativas no <i>Corpus</i> analisado.....	70
Tabela 6 - Taxa de uso das ocorrências negativas em função da faixa etária.....	71
Tabela 7 - Taxa de uso das formas plena e reduzidas em função da faixa etária.....	73
Tabela 8 - Taxa de uso das variantes reduzidas em função do gênero/sexo do informante.....	76
Tabela 9 - Taxa de uso das variantes inovadora e canônica em função do tipo de estrutura.....	80
Tabela 10 - Taxa de uso da variante inovadora e canônica em função do tipo de oração.....	83
Tabela 11 - Taxa de uso da variante inovadora e canônica em função do tipo de verbo.....	84
Tabela 12 - Taxa de uso da variante 'formas reduzidas' em função do fator supressão/ retenção do sujeito.....	85

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dispersão da duração dos itens negativos <i>não, num</i> e <i>nu</i>	63
Gráfico 2 - Efeito do fator faixa etária sobre o uso de todas as variantes da negação.....	72
Gráfico 3 - Efeito do fator faixa etária sobre o uso das negativas.....	73
Gráfico 4 - Efeito do fator faixa etária sobre o uso das formas reduzidas.....	74
Gráfico 5 - Efeito do fator escolaridade sobre o uso da variante inovadora 'formas reduzidas'.....	75
Gráfico 6 - Efeito do fator gênero/sexo sobre o uso das variantes reduzidas.....	77
Gráfico 7 - Efeito dos fatores idade e gênero/sexo sobre o uso das variantes reduzidas.....	78
Gráfico 8 - Efeito do tipo de estrutura sobre as variantes reduzidas.....	80
Gráfico 9 - Efeito do tipo de oração sobre o uso das formas reduzidas.....	83
Gráfico 10 - Taxa de uso da variante 'formas reduzidas' em função do fator Tipo de verbo.....	84
Gráfico 11 - Efeito do fator supressão/retenção de sujeito sobre a variante 'formas reduzidas'.....	85

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro I - Relação dos Informantes.....	46
Figura 1 - Espectrograma dos segmentos <i>não, num, nu</i> e <i>ũ</i>	59
Figura 2 – Espectrograma do segmento <i>n' + é</i>	60

Índice Geral

{ TOC \o "1-4" \h \z \u }

INTRODUÇÃO

“(…) dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra”.

Guimarães Rosa

A *negação* é um fenômeno lingüístico comum a todas as línguas do mundo. Cada língua, no entanto, apresenta estratégias próprias de realização da *negação*, podendo expressá-la através de recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais ou, ainda, pela combinação de vários desses. A *negação* lingüística é operada através da aplicação de um elemento negativo (Neg) que inverte o valor de verdade de uma dada proposição. No Português do Brasil (PB), o elemento mais comumente empregado para exercer essa função é o lexema *não*. O item *não* pode negar apenas uma parte da sentença, como em “o *não* pagamento do título implicará na suspensão do serviço”, como também ter escopo sobre toda a sentença, negando não apenas parte, mas todo o conjunto de conteúdos; é assim em “*Não* viajei pra Salvador nas férias”.

Com relação à negação sentencial no PB, estudos variacionistas (SCHUWEGLER (1983, 1991); CARENO E PETER (1994); FURTADO DA CUNHA (1996, 2000); FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA & VOTRE (1999); RONCARATI (1996, 1997); CAMARGOS (1998); ALKMIM (1998, 1999, 2001, 2002); RAMOS (2002), SOUSA (2004)), identificam três tipos de construções, levando em consideração o número e a posição do elemento negativo na sentença. Os três tipos de construções podem ser caracterizados da seguinte forma:

(a) Uma partícula pré-verbal que configura uma seqüência do tipo [Não V]:

- 1) Eu *não* saí. (E 10)¹
- 2) Ele *num* sabia. (E 5)

(b) Uma partícula pós-verbal que apresenta a seqüência [V Não]:

- 3) Tenho *não*. (E 12)

(c) Duas partículas, uma na posição pré-verbal e outra na pós-verbal que resulta na seqüência [Não V Não]:

- 4) Agora *não* entra mais *não*. (E 2)
- 5) Ele *num* gosta de falar comigo *não*. (E 9)

¹ A especificação entre parênteses se refere ao número da entrevista da qual a exemplificação foi retirada.

Como se vê, a partícula negativa se realiza de maneira variável, através da forma plena **não** (1 e 4) e de sua correspondente reduzida **num** (2 e 5).

Em estudo posterior, Sousa e Alkmim (2003) abordaram essa questão utilizando um *corpus* formado por entrevistas realizadas com informantes nascidos em Mariana/MG e observaram a ocorrência de uma outra variante do item negativo **não** diferente das já identificadas nos trabalhos anteriormente citados. Tal variante é caracterizada pela perda da nasalização da vogal, podendo ser descrita foneticamente como [**nu**], como aparece no exemplo abaixo:

6) **Nu** sei não.

Uma primeira tentativa de descrição dessa terceira variante, isto é **nu**, ocorreu durante a realização da monografia de bacharelado “*Variação na Partícula Negativa Pré-verbal em Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro*”, em que Sousa (2004) constatou, através de análise auditiva da fala de crianças de 8 a 11 anos, o grande número de ocorrências dessa variante, isto é, 71% de ocorrências do **nu** enquanto que a forma **num** totalizou 29% das ocorrências.

No presente trabalho, pretende-se descrever e analisar, quantitativa e qualitativamente, essa redução envolvendo o operador negativo **não**.

A partícula **não**, em exemplos como os de (1-2) e (4-5), tem sido descrita como advérbio, com propriedades de quase-clítico. De acordo com Ilari et alii (1991:131-3), a construção negativa mais habitual em Português poderia ser, justificadamente, caracterizada como uma construção quase-clítica, isso porque: a) o **não** se encontra na posição pré-verbal e b) esse item pode ser reduplicado.

Segundo Ramos (2002), a alternância **não/num** indica um processo de cliticização. Uma evidência do estatuto clítico da partícula **não** seria, como afirma a autora, a sua redução para **num**; uma segunda evidência seria a sua não redução no final da sentença e a sua contigüidade com o verbo, dentre outras.

De acordo com Vitral (1999), esse processo de cliticização envolvendo o **não/num** representa uma etapa de um processo mais amplo de mudança denominado *gramaticalização*. O termo *gramaticalização* estabelecido por Meillet (1958) e

desenvolvido por Hopper e Traugott (1993), refere-se à mudança de estatuto de um termo da língua em que um item lexical passa a ter uma função gramatical ou um item gramatical passa a ser mais gramatical.

Como veremos em detalhes no capítulo 2, a evidência de um processo de *gramaticalização* envolvendo a negação estaria na distribuição sintática do item. Segundo Vitral (1999): *num*, da mesma maneira que elementos clíticos do português, não pode ser sozinho resposta a uma pergunta, não pode ser topicalizado, e não pode aparecer em posição pós-verbal. Essa distribuição pode ser estendida ao item *nu*, que também não pode ocorrer nos contextos citados.

Levando-se em conta o que foi exposto, o escopo desse estudo é discutir a análise da redução do *não* como um processo de cliticização, além de apresentar resultados que indicam que o processo ainda está em andamento através da forma ainda mais reduzida *nu*. Nossa hipótese é a de que o processo de *gramaticalização* da negação do PB continua, caminhando da etapa *clítico* para *afixo*.

Os objetivos buscados são:

1. Comprovar e caracterizar, através de análise acústica, a redução do elemento negativo pré-verbal.
2. Discutir o estatuto de variante dessa forma reduzida de acordo com a Teoria da Variação e Mudança, isto é, apresentar uma descrição da variação na realização fonética das partículas *não*, *num* e *nu*, buscando explicitar a força de atuação de fatores internos e externos.
3. Averiguar a hipótese de um processo de *gramaticalização* na redução do *não* pré-verbal.

O presente trabalho contém cinco capítulos, organizados da seguinte forma. No primeiro capítulo apresenta-se uma incursão pelos estudos do fenômeno da *gramaticalização*, em que são descritos percurso histórico, definição e aspectos mais relevantes. No segundo capítulo é feito um recorte na bibliografia sobre a redução da negação no PB em diferentes abordagens teóricas, com o objetivo de mostrar os resultados de pesquisas já realizadas sobre o assunto. No terceiro capítulo, apresenta-se uma descrição da metodologia adotada para a realização da pesquisa e, no quarto capítulo, são

apresentados os resultados das análises realizadas. Por fim, expõe-se, no quinto capítulo, as considerações finais.

Passa-se, a seguir, a comentar o quadro geral do tratamento que se tem dado ao fenômeno da *gramaticalização*.

CAPÍTULO I

Quadro Teórico

“... a teoria não pode ser fabricada a partir de resultados de observação, mas há de ser inventada”.

Albert Einstein

O presente estudo se apóia na perspectiva da *gramaticalização* e para tanto toma como quadro teórico a Teoria Gerativa e a teoria da Variação e Mudança. Apresenta-se nesse capítulo, portanto, um quadro geral do tratamento dado à noção da *gramaticalização*, com o objetivo de contextualizar teoricamente a hipótese que pretende explicar a redução do item negativo pré-verbal.

O capítulo é composto de três partes. A primeira trata mais precisamente da noção de *gramaticalização*: percurso histórico, definição e aspectos mais relevantes; na segunda apresenta-se a relevância de uma análise variacionista para o estudo da *gramaticalização* da negação no PB. Por fim, chega-se às considerações.

1.1. Gramaticalização

1.1.1. Percurso histórico

O termo *gramaticalização* foi estabelecido pelo lingüista Antoine Meillet. As idéias desse autor sobre as origens de formas gramaticais têm predecessores em estudos anteriores que freqüentemente foram rotulados de conjeturas sobre o desenvolvimento da fala humana. A mais reconhecida dessas especulações sobre as origens da gramática foi proposta pelo filósofo e humanista alemão Wilhelm Von Humboldt. Em uma palestra intitulada *On the genesis of grammatical forms and their influence on the evolution of ideas* apresentada em 1825, ele sugeriu que a estrutura gramatical das línguas humanas foi precedida por um estágio de evolução da linguagem em que apenas idéias concretas puderam ser expressas.

Meillet foi o primeiro lingüista a reconhecer a importância da *gramaticalização* como uma área central da teoria da mudança lingüística. Em seu artigo *L'évolution des formes grammaticales* ([1958] 1912), esse descreve como novas formas gramaticais emergem de dois processos. Um, é a já conhecida inovação analógica em que novos paradigmas surgem através de semelhança formal com paradigmas já estabelecidos; o segundo, é que novas formas gramaticais vão sendo introduzidas, através da *gramaticalização*. Um exemplo apresentado por Meillet como uma forma resultante desse

segundo processo no francês é o verbo *être* (ser/estar) em que no estágio inicial tratava-se de um verbo existencial pleno que, no percurso histórico da língua, passou a ser utilizado como um verbo de ligação e como um verbo auxiliar selecionando uma forma nominal de outro verbo – *je me suis promené* (eu estou caminhando).

Meillet, ao tratar das causas do fenômeno da *gramaticalização*, fala de perda de expressividade; cada vez que o item lingüístico é usado, seu valor expressivo diminui e a repetição torna-o desgastado. O que acompanha a perda de expressividade, segundo o autor, é um suposto enfraquecimento da forma fonológica e do significado concreto.

Após a abordagem de Meillet sobre *gramaticalização*, os estudos sobre o tema foram esquecidos. Com o estruturalismo, passou-se a considerar a mudança lingüística como um conjunto de regras de ajustes e, o interesse sobre o processo gradual diminuiu.

A abordagem da *gramaticalização* voltou a ser desenvolvida somente a partir da década de 1970; para os lingüistas desse período o processo de *gramaticalização* passou a ser visto como um dos principais fatores responsáveis pela mudança lingüística. Menciona-se, por exemplo, os trabalhos de Givón (1971) e Li & Thompson (1974, *apud* Heine, Claudi, Hünemeyer, 1991:13) que consideraram que a *gramaticalização* é motivada pelo discurso e a evolução de estruturas sintáticas e morfológicas decorre de estratégias discursivas.

Sob uma linha de pesquisa mais voltada para a cognição, tem-se os estudos de Bybee (1985, 2001) que vê a *gramaticalização* como conseqüência de processos de redução. Para a autora, a alta freqüência de um item leva a sua redução e essa redução faz com que esse item perca autonomia e força semântica se tornando mais gramatical.

Há também o trabalho desenvolvido por Hopper & Traugott (1993) que desenvolvem uma síntese do pensamento sobre *gramaticalização*. Esses autores entendem a *gramaticalização* como o processo pelo qual itens lexicais e construções entram em certos contextos lingüísticos para exercer funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, ou seja, uma vez assumindo características gramaticais de uma palavra funcional, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (1993: XV).

Ainda segundo Hopper & Traugott, atualmente a *gramaticalização* é estudada sob duas perspectivas teóricas: uma diacrônica e outra sincrônica. A diacrônica investiga as origens de formas gramaticais e a trajetória típica de mudança que as afeta; nessa

perspectiva mais formalista, *gramaticalização* é usualmente entendida como um subconjunto de mudanças lingüísticas em que um item lexical em certos usos torna-se item gramatical, ou em que um item gramatical se torna mais gramatical. A abordagem sincrônica, mais funcional, vê a *gramaticalização* como um fenômeno primariamente pragmático, discursivo e sintático, sendo estudado do ponto de vista de padrões fluidos de uso da língua.

Como apontado no decorrer dessa seção, a noção de *gramaticalização* tem sua origem em estudos de abordagem funcional, no entanto, observa-se, mais recentemente, tentativas de se pensar essa noção numa visão formalista. Para isso, como veremos, são utilizadas propostas da Teoria Gerativa.

Sob essa égide, têm-se os estudos de Roberts (1993), que trata da mudança verbal como um processo de *gramaticalização*, em que uma forma verbal plena passaria a uma construção predicativa, depois a uma forma perifrástica e, por fim, a uma aglutinação; Vitral (1996) que estuda o pronome *cé* como uma forma gramaticalizada originada a partir da forma de tratamento *Vossa Mercê*; e Vitral & Ramos (2006) que reúnem num livro intitulado *Gramaticalização: uma abordagem formal* pesquisas envolvendo a noção de *gramaticalização* realizadas na área de lingüística teórica.

As Teorias Funcionalistas partem do estudo de como a língua é usada, investigando seus propósitos e como os falantes são capazes de alcançá-los. Para os funcionalistas, a língua não pode ser considerada um sistema autônomo por envolver aspectos como: o processamento mental, a interação social, a cognição, a comunicação entre falantes e a cultura. Assim, o estudo da *mudança* deve ser o estudo da relação entre as formas lingüísticas e as funções que desempenham no processo comunicativo.

A *gramaticalização*, dentro da perspectiva funcionalista, é considerada como um dos principais meios de mudança gramatical, mais precisamente, como um processo de criação da gramática através da necessidade discursiva. Em um processo de *gramaticalização*, uma forma perde autonomia e alcança um caráter mais gramatical e esse processo, como já salientado, seria motivado pelo discurso.

Já a Teoria Gerativa é caracterizada por sua opção pela autonomia da sintaxe, daí seu enquadramento como formal. Os formalistas distinguem língua externa (Língua-E) de língua interna (Língua-I), sendo a primeira o conjunto de enunciados externalizados e a

segunda o conhecimento lingüístico interno à mente. A capacidade de adquirir uma língua, nessa perspectiva, é inata e classificada como uma Gramática Universal (GU) que, por sua vez, é composta de princípios e parâmetros em que estaria implicado um processo particular de aquisição da linguagem. Com base nisso, a criança teria disponível uma gramática com princípios universais e, a partir dos dados do meio, determinaria o valor dos parâmetros de forma a adquirir a gramática de uma língua.

A *mudança lingüística*, nessa perspectiva, estaria relacionada à transmissão imperfeita de parâmetros durante o processo de aquisição da linguagem: a evidência para a fixação de um dado parâmetro se torna fraca e alguns aprendizes, devido a fatores aleatórios, não seriam expostos a dados suficientes para fixar o parâmetro corretamente. O resultado seria uma população mista, na qual alguns falantes teriam a fixação paramétrica antiga e outros, a nova. Nessa população mista, a próxima geração de aprendizes será, em média, menos exposta aos dados necessários para fixar o parâmetro do jeito antigo; é aí que ocorre a mudança na gramática da língua.

A *gramática*, para essa abordagem teórica, é constituída de dois tipos de categorias: as lexicais – nome, verbo, adjetivo e preposição – e as funcionais ou gramaticais – complementizador, flexão, determinante, negação e auxiliar². As primeiras compreendem as palavras de conteúdo, usadas para designar coisas, ações e qualidades, enquanto o segundo tipo de categorias é formado por palavras gramaticais que têm função estrutural, ou seja, são essas que estabelecem relações entre palavras, orações e enunciados. Dentro desse quadro, as palavras gramaticais são vistas como extensões das palavras lexicais e a *gramaticalização*, o processo que promove essa expansão. Assim, a *gramaticalização* é tida como a mudança de categoria de uma forma, que passaria de lexical para gramatical.

Segundo Vitral (1996: 117), em seu estudo sobre a forma *cê*:

Parece pertinente supor um processo de gramaticalização já que um Nome, contendo propriedades conotativas, passou a desempenhar uma função de pronome, perdendo estas propriedades e mantendo apenas um conjunto de traços – phi (=pronominais). Nos termos da gramática gerativa, um Nome, que é núcleo da categoria lexical NP ('Noun Phrase'), teria passado a

² Essa é a distinção clássica dada pela Teoria Gerativa, mas há ainda trabalhos nessa abordagem que subdividem a categoria auxiliar em outras categorias funcionais, como aspecto, modo, tempo, etc.

funcionar como núcleo de uma categoria funcional DP ('Determiner Phrase').

Como se pôde observar, o estudo da *gramaticalização* teve origem no início do século XX, continuou a se desenvolver com o passar dos anos e tem sido hoje um dos temas mais discutidos, principalmente nos trabalhos sobre mudança lingüística tanto por teóricos funcionalistas quanto formalistas. Em nosso trabalho, optamos pela abordagem formal.

1.1.2. Definição

O conceito de *gramaticalização* pode ser expresso de forma diversa. Assim, para uma visão mais geral do processo, apresentam-se abaixo algumas definições que se demonstram complementares:

Meillet (1912 [1958]: 131) define *gramaticalização* como a “atribuição de características gramaticais para uma palavra até então autônoma”.

Para Castilho (1997b: 31):

***Gramaticalização** é o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização extrema.*

E, ainda, acrescenta que “*gramaticalização* é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídos a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação etc.”.

A *gramaticalização* é tratada por Hopper & Traugott (1993) como um termo com dois significados. Como um termo referindo a uma estrutura dentro da qual relata um fenômeno da língua, refere-se à parte do estudo da língua que foca como formas gramaticais e construções surgem, como elas são usadas e como elas desenvolvem a linguagem. A base da *gramaticalização* é a preocupação com a questão de se as fronteiras entre as categorias são absolutas ou graduais, e com a interdependência de estrutura e uso.

O termo *gramaticalização* também se refere ao fenômeno de linguagem em que se procura observar processos em que itens se tornam mais gramaticais através do tempo.

Apresentadas as definições, pode-se sumarizar a *gramaticalização* como um processo pelo qual um item com autonomia fonética e semântica, sofre redução, deixando de ser um item lexical para exercer uma função gramatical ou, ainda, passando de gramatical para mais gramatical em um determinado contexto.

1.1.3. Aspectos relevantes do processo

A) Continuum

Fundamental ao trabalho da *gramaticalização* é o conceito de um “cline” (continuum). Do ponto de vista da mudança, formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas ocorrem através de uma série de transições graduais, transições que tendem a se assemelhar em algumas línguas.

Nem todas as formas gramaticais são palavras independentes. Em algumas línguas elas nunca podem ser palavras independentes, mas precisam ser incorporadas a outras palavras, como os afixos. No mais, não há nenhuma concordância plena sobre a definição de formas gramaticais; em geral é possível falar de um “continuum” com vários agrupamentos ou áreas focais da seguinte natureza (HOPPER & TRAUGOTT, 1993):

- a) Palavras gramaticais com relativa independência fonológica e sintática. É o caso das preposições que não ocorrem, necessariamente, agregadas a uma palavra autônoma.
- b) Formas derivacionais. Palavras que às vezes contêm significado, mas que não são nem flexões nem clíticos. Muitas formas derivacionais adicionam um componente significativo sem afetar a categoria em questão, outras têm justamente a função de mudar a categoria da palavra.
- c) Clíticos. Esses são formas que não são afixos, mas itens cuja ocorrência é restrita ao contexto próximo a uma outra palavra, conhecida como hospedeiro. Clíticos são categorias que estão entre palavras autônomas e afixos, apresentando propriedades de ambos. Clíticos podem parecer afixos se formarem uma unidade acentual com o hospedeiro, por outro lado, clíticos podem se comportar como uma palavra

independente não exercendo nenhum efeito sobre a incidência do acento na palavra fonológica, constituída por ‘clítico + hospedeiro’.

- d) Flexões. São sempre dependentes e presas; flexões são definidas sempre como parte de uma outra palavra. As flexões refletem categorias e propriedades de palavras como gênero, número, grau, caso, etc.

De acordo com Hopper & Traugott (1993), muitos lingüistas concordam que há um “continuum de gramaticalidade” que apresentaria as seguintes etapas:

(7) Item com conteúdo lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Há, ainda, autores que consideram um estágio Ø. Como vimos, segundo Castilho (1997b), uma forma livre que passou por um processo de *gramaticalização* pode desaparecer como conseqüência de uma cristalização extrema.

B) Direcionalidade

Uma das características comumente citadas quando se trata da *gramaticalização* é sua unidirecionalidade: uma *mudança* ocorreria em uma direção específica e não poderia ser revertida. O desenvolvimento seria apenas da esquerda para a direita no ciclo (7) acima, ou seja, da forma livre para o clítico, do clítico para o afixo, etc.

C) Critérios para a identificação do processo

O estabelecimento da categoria da palavra no “continuum de gramaticalidade” nem sempre é fácil, pois as fronteiras entre as categorias são fluidas e o estabelecimento de critérios para o reconhecimento delas é tema comum nos estudos de *gramaticalização*. Muitos dos estudiosos do tema (COELHO, 2006; VIANNA, 2000; VITRAL, 1999; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; HEINE et alii, 1991) indicam critérios (i) sintáticos, (ii) morfofonéticos e (iii) semânticos para a identificação de processos de *gramaticalização*.

Por se tratar da mudança de categoria de um item e considerando-se que cada categoria apresenta delimitações de ocorrência na estrutura sintática, a análise do processo

de *gramaticalização* deve partir da distribuição estrutural do item, pois será isso o que revelará seu comportamento sintático, lexical ou gramatical.

Quanto aos critérios morfofonéticos, são também indicativos do estatuto lexical ou gramatical de itens. Segundo o que a literatura diz (BYBEE & PAGLIUCA, 1985; MEILLET, 1912 [1958]), itens gramaticalizados são mais reduzidos que seus correspondentes plenos.

Por outro lado, os critérios semânticos têm a ver, é claro, com o significado; o item que passa por esse processo adquire significado abstrato em detrimento de significado concreto. Há, no entanto, a dificuldade de caracterizar explicitamente essa distinção de significado.

1.2. Gramaticalização e a Teoria da Variação

A Teoria da Variação e Mudança tem como característica principal considerar a *variação* como uma condição do próprio sistema lingüístico em oposição às teorias estruturalistas que viam a língua como um sistema homogêneo. Seu foco principal de estudo é o vernáculo, estilo falado em situações naturais de comunicação, em que é mínima a atenção prestada ao controle do discurso.

O objeto de análise lingüística, dentro dessa visão, é a *gramática da comunidade de fala*. É dentro de uma comunidade de fala, que são grupos de falantes que seguem as mesmas normas relativas ao uso da língua, que a *variação* surge e compete com outras formas, podendo acarretar uma mudança lingüística. Nem sempre uma *variação* envolve uma *mudança*, mas uma *mudança* sempre pressupõe uma *variação*.

A *variação* na língua, de acordo com esse ponto de vista, envolve tanto fatores internos quanto externos ao sistema lingüístico. A metodologia proposta não se limita, portanto, à análise das estruturas lingüísticas, mas também analisa fatores de ordem social que podem ser condicionadores de variações.

Estudos sociolingüísticos mostram que por trás de uma *mudança* há, além de circunstâncias lingüísticas, motivações sociais. A aceitação ou rejeição de uma variante dependerá de juízos de valores feitos pela comunidade de fala. Assim, uma variante pode

ser prestigiada ou estigmatizada, o que determinará se esta se consolidará ou não em uma mudança lingüística.

Nos trabalhos desenvolvidos por Labov, é possível observar sua posição de que em uma comunidade de fala a *variação* é estruturada e que, em muitos casos, é possível observar a *mudança em progresso*. Esse conceito diz respeito à observação dos mecanismos que atuam na realização de uma *mudança* que ainda não está completa. Como afirma Alkmim (2001:26 e 27):

Uma vez que o contexto social da mudança em progresso é observável, seus mecanismos e causas podem ser mais facilmente percebidos do que nos casos de mudanças já completadas, cujos contextos dificilmente são recuperados. Conhecimentos adquiridos através da mudança em progresso podem ser generalizados para as mudanças já terminadas, utilizando-se, assim, do princípio da uniformidade, proposto por Labov (1972a:161) e Labov (1982:20), segundo a qual os mecanismos que atuaram para produzir uma mudança no passado, podem ser observados na realização das mudanças no presente.

A abordagem variacionista, portanto, utiliza-se de informações lingüísticas e extralingüísticas para tratar tanto de processos de *variação* quanto de processos de *mudança*.

A noção de mudança lingüística para a Teoria da Variação pressupõe a ocorrência de competição entre formas que pode resultar no item inovador substituindo a forma canônica ou na especialização de uma das formas; aí ambas passam a co-existir, mas, agora, com funções diversas. Esse último resultado é o que mais se aproxima de uma *mudança* proporcionada por processos de *gramaticalização*, já que, nesse caso, não há, também, a necessidade do desaparecimento de um item em decorrência do surgimento de um outro, fala-se, mais comumente, em inovação lingüística para esse tipo de processo.

A Teoria da Variação, por avaliar uma possível *mudança* em curso, com a apresentação de fatores externos e internos que demonstram sua estabilidade ou não, apresenta uma metodologia que pode contribuir para a avaliação de um processo de *gramaticalização*. Se os resultados de uma análise nessa metodologia indicam *mudança em progresso* para uma forma que tende a tornar-se mais gramatical, pode-se pensar em um processo de *gramaticalização*. Por outro lado, se há a estabilidade no uso das formas ditas

concorrentes, pode-se supor que tais formas caminharam para funções diferentes (sofreram recategorização), o que poderia indicar a *gramaticalização* de uma das formas.

Em suma, a análise variacionista traz contribuições importantes para o estudo do processo de redução do *não*, uma vez que a quantificação de fatores, que possivelmente influenciam na evolução de uma *mudança*, contribui para uma análise mais acurada do processo.

1.3. Considerações

No presente capítulo, apresentou-se um quadro geral do tratamento que se tem dispensado à *gramaticalização*, com o objetivo de contextualizar teoricamente a hipótese que pretende explicar a redução do *não*.

Tratou-se, primeiramente, da definição de *gramaticalização*. Conforme apontado, essa noção tem sua origem em estudos de abordagem funcional, embora sua validade seja também reconhecida pela teoria formal. A definição de *gramaticalização* diverge um pouco de acordo com a perspectiva teórica, podendo-se, no entanto, defini-la de maneira geral como um processo pelo qual um item com autonomia fonética e semântica, sofre redução, deixando de ser um item lexical para exercer uma função gramatical – ou passando de gramatical para mais gramatical – em um determinado contexto.

A raiz funcionalista do processo de *gramaticalização* bem como a sua adoção em estudos de natureza formal foi apresentada durante a descrição do percurso histórico da noção. Como apontado, a noção de *gramaticalização* tem sido tema freqüente nos estudos lingüísticos diacrônicos e sincrônicos.

Foram levantadas também algumas características do processo de *gramaticalização*, como as etapas do processo, que segundo Hopper & Traugott (1993) são:

(8) Item com conteúdo lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional, sendo reconhecido, no entanto, um estágio Ø final como conseqüência de uma cristalização extrema.

A unidirecionalidade do processo foi ainda citada. Segundo o que a literatura sobre o assunto diz, o processo de *gramaticalização* ocorre sempre da esquerda para a direita, ou seja, de forma livre a clítico, de clítico a afixo, etc.

Por fim, buscou-se demonstrar a validade de uma análise variacionista no estudo da *gramaticalização* da negação; isso porque a quantificação dos fatores condicionadores permite uma análise mais acurada do processo.

Passa-se, no próximo capítulo, à literatura sobre o processo de redução do *não* pré-verbal no PB, lançando mão das concepções aqui mencionadas.

CAPÍTULO II

Estudos sobre a Negação no PB

*“Não entender era tão vasto que ultrapassava qualquer entender – entender era sempre limitado”
(grifo meu).*

Clarice Lispector

O estudo da redução do item negativo pré-verbal é tema de diversos trabalhos, em diferentes abordagens metodológicas. Estudos de base funcionalista analisam essa redução relacionando-a a aspectos do uso da língua. Já os variacionistas tratam das formas variantes, relacionando os fatores condicionadores. Por sua vez, a Teoria gerativa investiga os aspectos sintáticos da redução e sua consequência para a configuração da estrutura da língua.

Dessa forma, primeiro serão resenhados trabalhos que trataram do tema a que se refere este estudo, ou seja, a redução do *não* pré-verbal, com o objetivo de mostrar alguns dos resultados alcançados pelas diversas correntes teóricas. Em seguida, se apresenta uma breve discussão sobre os trabalhos resenhados e, ainda, a hipótese de trabalho que será o alicerce do presente estudo.

Com o objetivo de explicitar os resultados mais importantes alcançados pelos diversos estudos que serão relacionados nessa seção, buscar-se-á apresentar o conteúdo bibliográfico, tentando responder às seguintes questões:

- a) Como é analisada a redução da negação de acordo com os pressupostos funcionalistas, variacionistas e gerativistas?
- b) Essa redução pode ser descrita como um processo de *gramaticalização*?
- c) Se a resposta a (b) for positiva, como tratar o fenômeno da redução da negação, enquanto processo de *gramaticalização*?

2.1. Identificação do processo de gramaticalização

Como abordado no capítulo anterior, a identificação de processos de *gramaticalização* se dá a partir de três critérios: (i) sintáticos, (ii) morfofonéticos e (iii) semânticos.

Vitral (2001) analisa a distribuição sintática do *num*, através da comparação com o pronome *cê*, reconhecendo aí uma distribuição semelhante. Também a redução fonética do item *não* é analisada pelo autor e por colaboradores em estudo posterior³.

³ Ciríaco, Vitral e Reis (2004).

No trabalho de Vitral (1996) sobre a *gramaticalização* do pronome *cê*, o autor afirma que o pronome *você* se originou da forma de tratamento *Vossa Mercê*. O processo, no entanto, estaria em curso através das formas *cê* e *ocê*. A distribuição das três formas – *você*, *ocê* e *cê* – não seria idêntica, o *cê* não seria possível nas posições de objeto, pós-verbal, preposto ou, ainda, em contexto de foco, o que evidenciaria a existência de uma distribuição complementar: a forma *cê* não pode ocorrer nos ambientes em que *você* e *ocê* ocorrem.

Para Vitral (Op. cit.), o contraste entre as formas pode ser explicado se se considera a forma *cê* como a etapa de cliticização do processo de *gramaticalização*. Assim, ter-se-ia:

(9) item com significado lexical: *Vossa Mercê* > item gramatical: *você* > clítico: *cê* > afixo flexional.

As possibilidades de ocorrência da forma *cê*, segundo Vitral (2001:63) se assemelhariam muito à ocorrência do item *num*: “*num* não pode ser sozinho resposta a uma pergunta; não pode ser topicalizado; e não pode aparecer em posição pós-verbal”. Veja abaixo:

a) Sem hospedeiro:

(10) Você vai viajar?

R. **Num*.

b) Preposto:

(11) **num*, eu não vou.

c) Pós-verbal:

(12) *Quero *num*.

A hipótese da alternância *não/num* como um processo de cliticização é reforçada pelo trabalho de Ciríaco, Vitral e Reis (2004) em que, a partir da análise da duração e intensidade das formas *não* e *num*, chegou-se a conclusão de que a forma reduzida *num*

apresenta duração consideravelmente inferior à forma plena *não*, respectivamente 101.7 e 179.8 ms. Considerando que os clíticos são reduzidos quando comparados com as formas tônicas correspondentes, o *num* pode perfeitamente ser a etapa de cliticização de um processo de *gramaticalização*.

Outra evidência de que itens negativos podem ser gerados por processos de *gramaticalização* é que, segundo Jespersen (1965), a negação resultou de uma primitiva interjeição de desgosto do indo-europeu que consistia principalmente de gestos faciais com a contração dos músculos do nariz. Esta talvez seja a etapa lexical do processo. Há, ainda, o relato de fenômenos como o da partícula *pas* do francês que, além do seu sentido original (passo), adquiriu historicamente sentido negativo, passando a funcionar como um item gramatical indicativo de negação.

Segundo Jespersen ainda, a posição da negação com relação ao verbo pode caracterizar estágios diferentes de uma mesma língua. A partir de dados do inglês e do francês, sintetiza o seguinte ciclo:

(13) Ciclo de Jespersen

Inglês	Francês
1º Ic ne secge	Jeo ne di
2º I ne seye not	Je ne dis pas
3º I say not	Je dis pas
4º I do not say	
5º I don't say	

Vital (1999) apresenta como evidência da proposta para o ciclo de Jespersen o fato de que certas palavras do Português atual, como também de outras línguas, terem adquirido valor negativo durante sua evolução histórica. E cita, como exemplo, o caso da palavra *nada* que se originou de uma redução da locução *rem natam* “coisa que exista” e, no português arcaico, tinha, como equivalente, somente a forma *rem*⁴ e; ainda, a possibilidade de expressões como *um tostão* ou *um pio* em exemplos como *Eu não tenho um tostão* e *Ele não deu nem um pio*.

⁴ *Rem* deu origem também ao francês *rien*.

Esse tipo de evidência que comentamos sustenta a hipótese de que a criação de itens negativos se deve a processos de *gramaticalização*.

2.2. Teoria Gerativa: Gramaticalização e o sistema computacional

Em outro trabalho, Vitral (1999) propõe uma análise da negação no PB, partindo da Teoria da checagem⁵ e da noção de *gramaticalização*; sua análise relaciona o ciclo da negação de Jespersen à derivação da sentença negativa. Como descrito acima, tal ciclo prevê o aparecimento de itens negativos na posição pós-verbal que adquiriram esse valor historicamente, como consequência da redução e posterior desaparecimento da partícula negativa pré-verbal. Vitral acredita que o ciclo de Jespersen pode ser reduzido a um processo de *gramaticalização*, sendo o desaparecimento das partículas pré-verbais o estágio \emptyset .

O autor (1999: 58) levanta ainda a hipótese de que “o sistema computacional, no sentido de Chomsky (1995), reconhece as etapas de mudança lingüística previstas pelo processo de *Gramaticalização*”.

Vitral trata primeiramente do comportamento dos quantificadores negativos⁶ que só exigem a presença do *não* quando na posição pós-verbal:

- (14) Ninguém (*não) conseguiu passar no vestibular.
- (15) Não foi ninguém à festa.
- (16) Nada (*não) foi roubado.
- (17) João não comprou nada em Miami.

Esse fenômeno em que é exigida a ocorrência da partícula *não* quando itens negativos se encontram na posição pós-verbal é chamado por Zanuttini (1989) e Haegeman e Zanuttini (1991) de concordância negativa. Somando esse postulado à Teoria da

⁵ Teoria proposta dentro do Programa Minimalista de Chomsky (1995) que prevê operações de checagem de traços formais. Essas operações são recursos para que traços formais sejam eliminados, caso não sejam legíveis na interface forma lógica/forma fonética.

⁶ Denominados pelo autor de itens negativos (N), são inerentemente negativos; são exemplos do português as palavras *nada*, *nunca* e *ninguém*.

Checagem, Vitral interpreta que tanto o marcador negativo quanto os quantificadores negativos podem checar o traço [+Neg] da sentença.

O PB apresentaria, da mesma forma que o francês, uma dicotomia entre forma plena e forma reduzida. O *não* e o *num*, assim como *non* e *ne* se encontram em distribuição complementar em contexto de foco, pós-verbal, ou sem hospedeiro. Para Vitral, mesmo se *num* puder ser visto como um clítico restaria explicar, ainda, porque essa partícula deve preceder o verbo.

Vitral adota, como forma de solucionar o problema acima apresentado, a teoria da checagem de traços, dentro do quadro minimalista. Esse assume que o item *não* é núcleo de uma categoria funcional, estando, portanto, sujeito à condição de minimalidade⁷. São apresentadas, então, as análises de Zanuttini (1989) e Haegeman e Zanuttini (1991) que consideram que há uma relação de dependência entre as categorias da negação e do tempo, o que fez com que fosse proposto que o núcleo da categoria NegP seleciona a categoria funcional **TP**. Vitral, se baseando na ocorrência da partícula negativa antes de um deverbal em um constituinte nominal, contrapõe essa análise dizendo que, na verdade, NegP tem escopo sobre categorias lexicais (VP, AP, NP...). Sua proposta é apresentada da seguinte forma:

(18) Um item de valor negativo deve c-comandar um núcleo lexical na sintaxe visível.

Segundo o próprio autor, essa proposta, no entanto, apresenta problemas que dizem respeito à falta de universalidade, uma vez que há línguas como o francês falado, o sueco e o islandês em que a negação pode aparecer numa posição pós-verbal⁸. Para resolver essa questão, Vitral lança mão da teoria da checagem. Sua análise é a seguinte: a presença na numeração da partícula *não* ou de um item N, que apresentam o traço formal [+Neg], fazem surgir uma categoria também definida por esse traço, que é Forte⁹; o *não* é inserido por meio da operação *merge* (juntar) em Neg checando o traço [+Neg]. Os itens N, como

⁷ A condição de minimalidade diz respeito a restrições de movimento de elementos na estrutura sintática: o movimento deve ocorrer “degrau por degrau”, sem deslocamentos maiores que esse.

⁸ O problema é que, tomando a ordem linear como relação necessária para a relação de c-comando, se o verbo estiver em C, este núcleo lexical não pode receber c-comando do elemento negativo.

⁹ Um traço Forte é aquele que exige determinada categoria no seu domínio de checagem. Para Chomsky (1995), são propriedades de um traço forte: (i) desencadear uma operação visível, antes do “Spell-Out”; (ii) provocar ciclicidade: um α capaz de satisfazer um traço forte não pode “passar sobre” esse traço, sendo checado, mais tarde, por β .

nada e *ninguém* na posição de objeto e *nunca* e *jamais* numa posição adverbial adjunta à VP (constituente verbal), se deslocam através da operação *move* (mover) e podem ocupar a posição de especificador de NegP ou transitar por essa posição. Essas duas operações permitem checar o traço [+Neg]; quando o deslocamento dos itens N tem lugar na sintaxe visível, a inserção da partícula *não* é necessária; se a operação *merge* insere a partícula *não*, o movimento dos itens N não precisa ocorrer.

Retornando à análise das línguas com negação pós-verbal, Vitral apresenta a hipótese de que os marcadores negativos nessas línguas preenchem a posição de adjuntos de VP antes do “spell out”, movimentando-se para a checagem de Neg na sintaxe encoberta. Para o autor, essa proposta leva à conclusão de que o traço Neg é fraco nessas línguas.

Com o objetivo de entender o que determina o estatuto Forte/Fraco de Neg, Vitral recorre a certos fenômenos de natureza diacrônica, descritos através da noção de *Gramaticalização*. Trata-se do ciclo da negação, proposto por Jespersen, em que elementos negativos pré-verbais se reduzem ao mesmo tempo em que aparecem outros elementos pós-verbais que adquirem valor negativo historicamente. Assim, o ciclo de Jespersen pode ser reduzindo a um processo de *Gramaticalização* que apresentaria as etapas descritas por Hopper & Traugott (1993) em (7) e repetidas com nova numeração, a seguir:

(19) Item com conteúdo lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

O desaparecimento das partículas pré-verbais pode ser visto como o estágio Ø, posterior ao quarto estágio de (19). No Português, pode-se reconhecer, através da variação envolvendo o par *não/num*, as etapas *palavra gramatical* e *clítico*. Para Vitral, a operação *move* aloca os itens N na posição de Spec de Neg, enquanto que os clíticos checam traços através dessa mesma operação e ocupam a posição de núcleo de NegP.

Vitral afirma que o sistema computacional reconhece os estágios previstos pelo processo de *Gramaticalização*. A forma *não* seria um núcleo, enquanto que *num* estaria um pouco mais avançado no eixo de gramaticalidade, configurando-se como um clítico, o que caracteriza o PB em um estágio em que a categoria Neg é forte, já que, segundo o autor, a presença dessas duas categorias ocorre em línguas em que esse traço é forte. Ainda segundo

Vitral (1999: 77): “o componente computacional reconhece não o processo de *Gramaticalização* e, sim, as etapas por ele previstas, o que o faz gerar produtos diferentes”. Por fim, conclui que a utilização da noção de *Gramaticalização* tem a vantagem de retirar o caráter especulativo da distinção [+/- Forte], utilizada pela Teoria da Checagem no que diz respeito ao fenômeno da negação.

2.3. Teoria Funcionalista: Gramaticalização e a necessidade de duplicação

Utilizando dados do dialeto de Natal/RN, Furtado da Cunha (1996), através de uma orientação funcionalista, apresenta a redução fonológica do *não* para *num* como a causa do aparecimento do segundo *não* em estruturas como [Nãõ V Nãõ].

Os resultados encontrados foram os seguintes: 88,9% de [Nãõ V], 10,4% de [Nãõ V Nãõ] e 0,3% de [V Nãõ], em 1505 dados levantados na fala. Esses dados foram comparados a orações negativas retiradas de textos escritos. Assim, a autora pôde constatar que as construções [Nãõ V Nãõ] e a [V Nãõ] não aparecem em textos escritos.

A não ocorrência da negativa dupla na escrita está relacionada, segundo a autora, à sua origem pragmática: na escrita, não há enfraquecimento do *não* e, portanto, não há necessidade de reduplicação desse marcador negativo para efeitos de reforço e/ou ênfase, típicos da fala.

O grau de escolaridade do informante foi o único fator externo investigado por Furtado da Cunha. O resultado indicou que o uso das construções [Nãõ V Nãõ] e [V Nãõ] é menor entre os informantes com maior grau de escolaridade.

De acordo com a autora, a oração com duplo *não* está entre os processos de intensificação da negativa que têm por objetivo explicitar a posição do falante em relação aos estados de coisas a que se refere, reforçando, assim, a quebra de expectativa do ouvinte.

Segundo a autora, observa-se, nas negativas canônicas (não + SV), um processo de enfraquecimento fonético do operador *não* que precede o SV. Essa considera que no discurso falado rápido, a pronúncia do *não* tônico se reduz para *num* átono, ou até para uma nasalização. Para reforçar a idéia de negação da expectativa do ouvinte, o falante utiliza um segundo *não* no fim da oração. Esse *não* final pode ser visto como uma

estratégia para suprir a erosão fonética do *não* antes do SV e o conseqüente esvaziamento do seu conteúdo semântico.

Outro argumento que a autora cita em favor da hipótese de enfraquecimento do *não* antes do verbo é a possibilidade da construção negativa que exhibe apenas um *não* no fim da oração. Nesse caso, o processo de enfraquecimento teria atingido o estágio final, com o desaparecimento do *não* que precede o SV. As etapas do processo seriam as seguintes:

(20) [[Não + SV] não] > [não + SV + não] > não [SV + não] > [SV + não]

Também Schwegler (1983) tentou explicar a origem da construção [Não V Não] no PB. Lançou mão, como Furtado da Cunha, dessa possível hipótese funcionalista do enfraquecimento do primeiro *não*, mas acabou concluindo que o Português é uma língua em que somente a redução não poderia ser responsável pela origem de tal estrutura, sem, no entanto, explicar o porquê da afirmativa.

É interessante observar enfim que, de acordo com Ramos (2002:165) em abordagem não-funcional, a correlação entre a negativa simples [Não V] e a negativa [Não V Não] como etapas de mudanças, já apontada por autores como Schwegler (1983) e Furtado da Cunha (1996, 1999, 2000), não se verificou no *corpus* por ela analisado.

2.4. Análises variacionistas: os fatores condicionadores.

Há, na literatura, diversos estudos de abordagem variacionista que trataram da negação no Português brasileiro (PB). Especificamente, com relação ao estudo sobre a alternância *não/num*, há três trabalhos que mostraram essa variação no *Dialeto Mineiro*. São eles: Sousa (2004), Ramos (2002) e Alkmim (1998, 1999, 2001, 2002).

Segundo Alkmim (op. cit.), com base em análise com tempo aparente, em *corpus* levantado na cidade de Mariana/MG, a variação entre as partículas *não* e *num* não apresenta um perfil de *mudança em progresso*.

A autora afirma que seus dados revelam que o *num* é levemente mais freqüente entre os idosos do que entre os medianos e jovens. O peso relativo é de .55 para os idosos, .48 para os medianos e .47 para os jovens. Isto evidencia que a *variação* não apresenta um

perfil de *mudança em progresso*, uma vez que para uma variação existente ser caracterizada como *mudança em progresso* os dados devem apresentar maior uso da variante pelos jovens e menor uso pelos idosos.

No entanto, segundo Ramos (op. cit.), também em análise com tempo aparente, em *corpus* recolhido na cidade de Belo Horizonte/MG, a *variação* nesse par constitui uma *mudança em progresso*, condicionada por fatores internos e externos.

Os dados utilizados pela autora mostram que os jovens apresentaram o maior peso relativo (.70) na realização da redução na partícula, se comparada ao índice apresentado pelos mediano .48 e ao índice dos idosos .32.

Ramos (op. cit.), na tentativa de responder à pergunta “Que fatores estariam influenciando a variante?”, dentre os fatores internos, testou o tipo de elemento à esquerda da partícula negativa na oração. Três elementos foram testados: i) sujeito; ii) pausa e iii) outro, tal como advérbio. Os exemplos apresentados pela autora foram:

(21) “e se eu não sou formada hoje”

(22) “não/ isso eu não acho certo não”

(23) “antigamente não/ antigamente o trem nem seria o mesmo”

(Ex. 7 a 9 de Ramos, 2002:158)

Onde em (21) tem-se negativa sentencial, em (22) tem-se construção em que a partícula negativa ou inicia a sentença ou corresponde sozinha a um enunciado completo e em (23) tem-se a negação de constituintes menores ou fragmentos de constituintes.

Os resultados encontrados foram: a) a probabilidade de ocorrência do *num* com sujeito na frase foi de .50, depois de pausa .47 e depois de outro elemento foi de .53. Esse fator não foi selecionado pelo programa Varbrul, o que significa que o elemento à esquerda do *não* não afeta a sua realização como *num*. Esse resultado pode indicar que a forma *num* se liga ao elemento à direita na frase e, não, ao elemento à esquerda, pois de acordo com a autora, mesmo depois de pausa ambas as variantes ocorreram.

Como esse fator “tipo de elemento à esquerda da partícula negativa” não foi selecionado pelo Varbrul e apresentou os resultados acima mencionados no trabalho de Ramos (2002), optou-se no presente estudo não considerá-lo para investigação.

Um outro fator interno também investigado por Ramos (op. cit.) foi o “tipo de elemento que aparece à direita da variante **não/num** na sentença”. Quatro elementos foram destacados: a) pausa, b) verbo auxiliar, c) verbo não auxiliar e d) outros elementos, tais como um sintagma nominal. Os exemplos apresentados foram os seguintes:

- (24) “isso eu num acho certo não”
 - (25) “minha mãe num vai fazer nada não”
 - (26) “Nem não conhecia nada da escola”
 - (27) “não na casa da minha avó”
- (Exemplos de 10 a 13 de Ramos (2002: 159))

Esse fator foi, segundo a autora, considerado quantitativamente significativo pelo programa Varbrul. O que chama a atenção nos resultados por ela obtidos foi a realização da variante antes de uma pausa, por ser amplamente desfavorecida: .03 de probabilidade. Isso constitui uma evidência em favor da hipótese de cliticização à direita, uma vez que, de acordo com Ramos, a ausência de pausa confirma a não autonomia fonológica do item **num**.

Dentre os poucos enunciados com **num** antes de pausa presentes no *corpus* de informantes de Belo Horizonte encontra-se o que se segue:

- (28) “mas também **num...num** me arrependo por ter sido por provocação”
- (Exemplo 14 de Ramos (2002: 16c))

Trata-se de uma construção de pausa com alongamento o que vai indicar uma hesitação ou tentativa de manter o turno. Não são, assim, enunciados típicos e foram retirados do *corpus* por Ramos.

Em estudo posterior, intitulado *Variação na partícula negativa pré-verbal em negativas sentenciais no dialeto mineiro*, Sousa (2004) propôs como objetivo primeiro a confirmação da hipótese de *mudança em progresso* para a variação no par **não/num**.

Os dados utilizados pela autora foram formados por entrevistas realizadas com informantes da cidade de Mariana/MG. Utilizaram-se cinquenta gravações de trinta minutos cada. A amostra foi dividida em cinco grupos: a) o primeiro foi formado por

crianças de 8 a 11 anos; b) o segundo grupo por adolescentes de 12 a 15 anos; c) o terceiro grupo por informantes de 18 a 39 anos; d) o quarto grupo por informantes de 40 a 59 anos e e) o quinto grupo por informantes com mais de 60 anos.

Computando o total de construções negativas levantadas, chegou-se à soma de 2284 dados.

Sousa (Op. cit.) observou os seguintes fatores condicionantes: a) fatores internos – tipo de oração, realização fonológica da partícula *não* pré-verbal, tipo de verbo (perífrase ou não-perífrase verbal) e presença/ausência de pausa antes do segundo *não* na estrutura [Nã V Nã] e b) fatores externos – faixa etária e sexo.

Os dados analisados pela autora permitiram as seguintes avaliações das hipóteses:

- Muitos dos fatores analisados, dentre eles a idade do informante, não foram considerados como estatisticamente significativos pelo Programa Varbrul
- Pode-se dizer que o perfil de *mudança em progresso* ocorre no *corpus* se se considerarem as faixas etárias: idoso – mediano – jovem e adolescente. Os informantes mais jovens (crianças de 8 a 11 anos) mostram um desempenho que foge ao esperado em uma *mudança em progresso*. Uma possível razão citada é a de que, nessa idade, estejam em processo de aquisição das estruturas inovadoras ([Nã V Nã] e [V Nã]).
- O fator sexo foi selecionado nas variantes [Nã V] e [V Nã] como estatisticamente significativo. Tal fato sugere que a variante [V Nã] é estigmatizada, uma vez que, nos estudos de Sociolinguística, é freqüente a afirmação de que as mulheres têm maior preferência pelas variantes linguísticas mais privilegiadas socialmente.
- O fator realização fonológica *não/num*, fator chave para a interpretação dos dados, apresentou na construção [Nã V Nã] os seguintes pesos relativos: .57 (*num*) e .59 (*não*), o que é quantitativamente não significativo.
- No cruzamento dos dados, consideraram-se os fatores idade e realização fonológica da partícula *não/num*. Os resultados para a construção [Nã V Nã] foram de *mudança em progresso*, mas para a canônica esse perfil não se confirmou.

- Na investigação, o fator ausência de pausa antes do segundo *não* na construção [Nãõ V Nãõ] foi investigado e a ausência de pausa foi categórica.
- A probabilidade de maior ocorrência da construção [V Nãõ] foi em estruturas frasais com supressão de sujeito.

Com base em análise do tempo aparente, recurso metodológico que vê a *mudança em progresso* através da variação observada na língua em um dado momento, pôde-se dizer que as duas variantes inovadoras não apresentaram ainda curvas perfeitas de *mudança em progresso*, uma vez que houve um perfil ascendente, com declínio no quarto estágio, o representado pelas crianças. Como verificar-se a partir dos seguintes pesos relativos: [Nãõ V Nãõ] – Idoso- .40, mediano - .44, jovem - .53, adolescente - .61 e criança - .49, [V Nãõ] – Idoso- .30, mediano - .44, jovem - .58, adolescente - .60 e criança - .54.

Pôde-se ainda afirmar que a construção [V Nãõ] não teve a mesma frequência da também inovadora [Nãõ V Nãõ], respectivamente, 53 (3%) e 489 (26%) considerando o total de dados do *corpus* e pôde ser avaliada, com base no fator social sexo, como estigmatizada.

Também durante a realização da referida pesquisa, observou-se a ocorrência de uma variante no item negativo *não* diferente das já identificadas nos trabalhos anteriormente citados. Tal variante é caracterizada pela perda da nasalização da vogal, podendo ser descrita foneticamente como [‘nu], como aparece no exemplo abaixo:

(29) *Nu* sei não. (E 12)

Essa primeira tentativa de descrição da terceira variante (*nu*) demonstrou, através de análise auditiva da fala de crianças de 8 a 11 anos, o grande número de ocorrências dessa variante, 71%, em relação a forma *num*, 29%.

A autora observou os ambientes fonéticos em que cada variante ocorria, não encontrando, porém, nenhum fator (fonético ou fonológico) condicionante. As formas *num* e *nu* ocorrem nos mesmos ambientes e com o mesmo valor de verdade, o que confirma o estatuto de formas concorrentes.

A análise, no entanto, não foi completa visto que o item não foi observado em todas as faixas etárias que constituíam o *corpus*.

2.5. Discussão

Nas seções apresentadas neste capítulo, buscou-se relatar diferentes estudos que tratam da negação no PB. Como apontado, há diferentes hipóteses explicativas para tal fenômeno e, a identificação de um processo de *gramaticalização* para a negação se mostra relevante nas abordagens teóricas descritas.

As possibilidades de ocorrência do *nu*, forma identificada por Sousa (2004), se assemelham muito à distribuição sintática do *num*. O *nu* assim como o *num* não pode ser sozinho resposta a uma pergunta; não pode ser topicalizado; e não pode aparecer em posição pós-verbal. A distribuição sintática idêntica das duas formas parece indicar que o processo de *gramaticalização* da negação continua; o *num*, já identificado como um clítico, por ainda estar em processo de perda fônica, parece caminhar ainda mais no processo, possivelmente para a etapa afíxal.

Nos estudos de Vitral (1999), o autor assume que o sistema computacional reconhece as etapas do processo de *gramaticalização*. Seguindo o raciocínio proposto, o autor analisa línguas em que a negação é pós-verbal e conclui que essas línguas apresentam o traço Neg fraco; o Português, ao contrário, por apresentar os itens *não* e *num*, correspondentes às etapas *núcleo* e *clítico*, pode ser classificado como uma língua em que Neg é forte. Considerando que o item *num* ainda sofre redução, torna-se importante verificar se o *nu* tende a tornar-se um afixo, o que indicaria uma possível mudança paramétrica no português que passaria de uma língua em que Neg é forte para Neg fraco.

Os estudos de abordagem funcionalista caminham em uma outra direção. Segundo essa teoria a redução do *não* inicial tem como conseqüência o aparecimento do segundo *não* em estruturas com dupla negativa ([*Não V Não*]). Essa seria uma estratégia discursiva para suprir a erosão fonética do *não* antes do SV e o conseqüente esvaziamento do seu conteúdo semântico. Vale ressaltar que no estudo realizado por Ramos (2002) analisou-se essa hipótese e não foi possível confirmar a correlação entre a redução do *não* pré-verbal e o aparecimento do segundo *não* na estrutura com dupla negativa.

As abordagens variacionistas para a alternância *não/num* indicaram que a forma *num* se liga ao elemento à direita na frase. Também o fato de a forma reduzida ser desfavorecida antes de pausa constitui uma evidência em favor da hipótese de cliticização à direita, uma vez que, de acordo com Ramos, a ausência de pausa confirma a não autonomia fonética do item *num*. Dessa forma, percebe-se que a análise variacionista mostra dados empíricos que somam em favor da hipótese de *gramaticalização* para a negação no PB e, por isso, será utilizada como recurso metodológico para a análise aqui proposta.

Segundo Sousa (2004), os informantes mais jovens (crianças de 8 a 11 anos) mostram um desempenho que foge ao esperado em uma *mudança em progresso*, utilizando menos a variante inovadora que a faixa etária imediatamente superior. Por considerar que a análise desse comportamento pode trazer contribuições tanto para o presente estudo quanto para a Teoria Gramatical, buscar-se-á verificar se esse comportamento é recorrente.

Tendo-se apresentado as abordagens teóricas sobre a redução do item negativo pré-verbal que serão utilizadas no presente estudo, apresenta-se a seguinte hipótese: O processo de *gramaticalização* da negação do PB continua, caminhando da etapa *clítico* para *afixo*. Como forma de demonstrar essa hipótese, proceder-se-á:

- a) análise acústica, com o objetivo de verificar se de fato *nu* é mais reduzido;
- b) análise quantitativa, com a expectativa de examinar se a forma *nu* é inovadora e;
- c) discussão da natureza eventual afixal de *nu*.

Se *nu* é uma etapa de um processo de *gramaticalização*, espera-se que: (i) seja mais reduzido e (ii) seja inovadora. E, ainda, se *nu* é a etapa anterior ao estágio \emptyset (que já ocorreria em [V Não]), percebe-se, então, indício de mudança paramétrica para o PB, que passaria de uma língua Neg forte para Neg fraco.

Na primeira parte desse capítulo, buscou-se apresentar uma visão geral das análises propostas pelas várias abordagens teóricas que trataram da redução do *não*. Com essa seção foi possível perceber que, embora a noção de *gramaticalização* para a negação no PB seja amplamente aceita, as teorias funcional e gerativa se distanciam na forma de tratamento do tema. Já a Teoria da Variação parece ser complementar em ambas as teorias, ocupando, por isso, um lugar na análise aqui proposta.

Na segunda parte apresentou-se uma discussão em que se buscou contextualizar o presente estudo dentre os já existentes e, ainda, indicar a hipótese de trabalho.

Passa-se, a seguir, à descrição da metodologia de estudo utilizada para a realização do presente trabalho.

CAPÍTULO III

Metodologia

“Discussões exaustivas de métodos, informações exaustivas de processos, trocas de opiniões sobre tudo, eis a única forma possível de esclarecer a teoria e melhorar o nível da prática. A discussão, mesmo quando não traz a luz, liquida com muita idéia imbecil.”

Millor Fernandes

Neste capítulo será descrita a amostra da qual os dados foram extraídos, além dos procedimentos metodológicos utilizados na coleta, organização e processamento dos dados.

No capítulo sobre o quadro teórico, buscou-se demonstrar que o processo de *gramaticalização* é normalmente identificado a partir de critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos, sendo que os critérios sintáticos dizem respeito à distribuição do item na estrutura sintática, os critérios morfofonéticos tratam da redução do material fônico e, os semânticos indicam alterações de sentido na direção do mais concreto para o mais abstrato. Sabendo-se que a alternância entre as partículas *não*, *num* e *nu* é um fenômeno possivelmente recente no português, buscamos avaliar, a partir de dados sincrônicos, os critérios sintáticos e morfofonéticos. Quanto aos critérios semânticos, apresenta-se a dificuldade de se identificar um possível esvaziamento semântico do elemento negativo; tentaremos, no entanto, tecer considerações a respeito.

Como forma de se ponderar a respeito dos critérios descritos como identificadores de processos de *gramaticalização*, procedeu-se a dois recursos metodológicos: uma análise fonológico-acústica dos segmentos, além de uma análise quantitativa apoiada na metodologia da Teoria Variacionista, utilizando-se para isso o programa Estatístico Goldvarb 2001.

3.1. A Amostra: Constituição e Caracterização

Os dados que compõem o *corpus* utilizado no presente estudo são formados por entrevistas informais, realizadas com informantes da cidade de Mariana/MG. A escolha dessa comunidade de fala partiu, principalmente, do fato de o fenômeno em análise ter sido identificado, em estudos anteriores (SOUSA, 2004; SOUSA E ALKMIM, (2003)), nessa mesma cidade.

Utilizaram-se vinte gravações de trinta minutos cada uma, e fichas (Cf. anexo 01) com dados referentes a cada um dos informantes: nome, gênero/sexo, idade, estado civil, escolaridade, informações sobre situação econômica. Cada informante também preencheu um termo de concordância com a entrevista e com a utilização dos dados para fins científicos; o modelo do termo está no anexo 02.

Os temas centrais presentes nas entrevistas foram: a) religião; b) futebol; c) vida escolar; d) situações em que tenha ocorrido perigo de vida.

A amostra foi dividida de acordo com a faixa etária do informante. Isto devido aos estudos sociolinguísticos entenderem que a idade é um fator de suma importância no estudo da variação e mudança linguística. A comparação entre as formas de falar de jovens e idosos é um indicador de quais mudanças estão se efetuando na língua.

As entrevistas foram divididas, então, em cinco grupos: a) o primeiro grupo é formado por crianças de 8 a 11 anos; b) o segundo grupo é formado por adolescentes de 12 a 15 anos; c) o terceiro grupo, por informantes de 20 a 30 anos; d) o quarto grupo, por informantes de 40 a 55 anos e, d) o quinto grupo, por informantes com mais de 60 anos.

A seguir, apresenta-se um quadro geral das entrevistas, onde estão especificados os informantes, seu gênero/sexo e sua idade:

Quadro I
Relação dos Informantes

	Informante	Gênero/sexo	Idade
1.	A.C.G.	masculino	10
2.	M.A.	feminino	10
3.	C.A.X.	masculino	10
4.	L.A.N.	feminino	11
5.	N.B.R.P.	feminino	14
6.	G.H.S.R.	masculino	12
7.	G. O.	feminino	14
8.	L.G.S.S.R.	masculino	13
9.	E.O.C.S.	masculino	24
10.	M.F.O.	feminino	26
11.	E.S.O.B.	feminino	28
12.	G.A.F.S.	masculino	25
13.	R.A.S.G.	feminino	42
14.	M.C.S.F.	feminino	45
15.	D.B.	masculino	42
16.	F.S.S	masculino	54
17.	L.J.B.	feminino	74
18.	R.A.S.	masculino	60
19.	G.T.S.	masculino	68
20.	I.S.A.P.	feminino	73

3.2. Métodos e Procedimentos

As entrevistas que compõem o *corpus* foram realizadas tendo também como objetivo a análise acústica dos dados. Assim, foram adotados alguns procedimentos metodológicos com o objetivo de melhorar a qualidade das gravações.

Considerando que a cabine acústica tornaria o ambiente mais artificial ao falante e que isso prejudicaria a ocorrência da fala espontânea, optou-se por realizar as gravações na casa do falante; para tanto, alguns cuidados quanto à qualidade acústica do ambiente foram tomados. Buscou-se o cômodo que apresentava a menor quantidade de ruídos externos e correntes de ar. Também houve a preocupação com o tipo de gravador, foi utilizado um gravador digital da marca coby, modelo CX-R188, o qual possibilitou uma melhor qualidade sonora para as gravações. Em seguida, as gravações foram transferidas para um computador em que foram feitas as análises.

3.2.1. Para a Análise Quantitativa

Para a análise quantitativa realizou-se a transcrição do *corpus*. Tendo em mãos as transcrições das gravações, passou-se à coleta das sentenças que continham negativas. Computando o total de construções negativas levantadas, chegou-se à soma de 918 dados.

Os dados foram codificados a partir de hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa e submetidas como “input” ao Programa de análise estatística Goldvarb 2001 ou versão Varbrul para o Windows. Assim, tornou-se possível descrever as ocorrências de negativas levantadas no *corpus* e também estabelecer um conjunto de previsões sobre os fatores que favorecem a realização da alternância entre a forma plena (*não*) e suas respectivas formas reduzidas.

3.2.1.1. Grupos de Fatores Condicionantes

Uma vez que o programa de análise estatística Goldvarb 2001 não aceita mais de uma variável dependente e considerando-se que, independentemente da realização fonética,

os fatores que influenciam a redução são freqüentemente os mesmos, optou-se por se considerar, no presente trabalho, como variável dependente, a realização fonética do item negativo: plena ou reduzida.

A variável dependente será observada em relação aos seguintes fatores condicionadores:

Grupo I – Fatores Internos

1) Tipo de Oração

Foi verificado o tipo de oração que contém o item negativo, se encaixada (subordinada), ou não-encaixada (coordenada, absoluta ou principal), como mostram os exemplos a seguir:

(30) Enquanto eu *num* tiver uma companheira... – Oração encaixada (E 13)

(31) *Não* sabia rezar. – Oração não-encaixada (E 13)

É muito importante verificar o tipo de oração onde se encontra a construção negativa. Isso porque, de acordo com Vennemann (1973), Givón (1974) e Green (1975), as orações subordinadas deverão desfavorecer a ocorrência das formas reduzidas, já que as formas inovadoras são mais freqüentes em orações principais e absolutas.

2) Tipo de estrutura

Consideram-se, para a análise do fator, as seguintes possibilidades¹⁰:

a. Negativa pré-verbal:

(32) Eu *não* pude ir brincar. (E 6)

b. Dupla negativa:

(33) Eu *num* sei disso *não*. (E 6)

¹⁰ A negativa pós-verbal foi excluída da análise, uma vez que o marcador negativo final não sofre redução.

Esse fator tem grande importância na análise, porque permitirá verificar se há uma co-relação entre a redução do item negativo pré-verbal e o aparecimento do segundo **não** na estrutura.

3) Tipo de Verbo

Para analisar o tipo de verbo da oração negativa, considerou-se:

a. perífrase verbal:

(34) Eu **num** podia deixar a escola de lado. (E 9)

b. não-perífrase verbal:

(35) Ele **não** veio do povo. (E 10)

A importância do tipo de verbo, se somente um verbo ou mais de um, na análise da construção negativa reside no fato de esse fator ter sido utilizado como diagnóstico da ordem das categorias funcionais ou gramaticais da sentença. De acordo com Ramos (2002), a probabilidade de **num** (como de outras realizações reduzidas) em formas perifrásticas é maior.

4) Retenção ou supressão do sujeito na oração

As orações foram classificadas em:

a. oração com retenção de sujeito:

(36) *Minha mãe* **não** tinha condições. (E 17)

b. oração com supressão do sujeito:

(37) **Não** me ensinava muito. (E 17)

O objetivo dessa análise é verificar se há alguma relação entre a presença de um elemento à esquerda do item e a sua redução.

Grupo II - Fatores Externos

Juntamente com os fatores internos, foram investigados os seguintes fatores externos: a) faixa etária e b) gênero/sexo.

A comparação da frequência das variantes em relação à faixa etária dos informantes pode permitir evidenciar um perfil de *mudança*, com base no tempo aparente. A investigação envolvendo gênero/sexo poderá verificar se há diferenças na fala de homens e mulheres quanto ao uso da variante. De acordo com a literatura, as mulheres se preocupam mais com o prestígio da forma e reagem mais rapidamente à *mudança*. A análise envolvendo estigma será complementada também pela aplicação de um teste de reação subjetiva envolvendo as formas inovadoras.

O teste de reação subjetiva, que foi realizado com dez informantes membros da comunidade de fala, consistiu na reprodução de doze sentenças negativas – três para cada ocorrência da marcador negativo – e no julgamento quanto a escolaridade do falante, bem como a justificativa dada pelo avaliador. Acredita-se que se o informante associa menor escolaridade a ocorrência das formas inovadoras, isso pode refletir estigma. O modelo do teste aplicado encontra-se no anexo 03.

3.2.1.2. Tratamento Quantitativo dos Dados

Os dados selecionados foram submetidos à análise variacionista, utilizando-se o Programa Goldvarb 2001.

O programa Goldvarb 2001, versão do pacote Varbrul para o ambiente Windows, é um programa de análise estatística que lida com regras variáveis. É através da regra variável estabelecida por cálculos estatísticos pelo próprio programa que são extraídas regularidades e tendências dos dados.

Através dessa regra, pode-se não apenas estabelecer a influência de um determinado fator na ocorrência da variante, por meio de suas frequências relativas e pesos percentuais,

como também prever seu comportamento isoladamente ou com outros fatores através da tabulação cruzada.

O produto da análise realizada pelo programa é apresentado sob o rótulo de peso relativo; trata-se de um número entre 0 e 1 representativo da análise probabilística dos dados. Para cada rolagem dos dados é fornecida também uma numeração de valor negativo que indica sua significância, quanto mais próximo de zero, maior o grau de efeito das variáveis sobre o fenômeno.

3.2.2. Para a Análise Acústica

Crítérios morfofonéticos são um dos indicativos do estatuto lexical ou gramatical de itens; segundo o que a literatura diz, itens gramaticalizados são mais reduzidos, mais átonos. Segundo Fernandes (1976), a duração é o parâmetro mais consistente na análise do acento primário. Assim, a análise acústica da duração dos itens negativos servirá para confirmar a redução das formas *num/nu* e conseqüentemente seu caráter mais gramatical.

Na análise das partículas *não*, *num* e *nu*, serão observados os seguintes parâmetros acústicos: o formante da consoante nasal, os dois formantes das vogais [ã], [w], [u], a transição entre os formantes das vogais que compõem o ditongo na partícula *não*, bem como a duração das partículas, de acordo com o programa de análise acústica Praat versão 4.3.19 ©.

3.2.2.1. O Programa

O Praat é um programa para análise acústica e síntese de fala. O programa fornece, a partir de uma janela temporal, o oscilograma e o espectograma do som e os cinco primeiros formantes. O cálculo dos formantes é realizado automaticamente pelo programa utilizando-se a ordem de filtro **LPC** (*Linear Predictive Coding*)¹¹. Já a medida da duração é

¹¹ O LPC é baseado na expectativa de que a fala digitalizada é parcialmente previsível a partir dos seus antecessores. A predição linear considera que a mostra de fala é uma função linear daquelas que a precedem. Essa análise fornece uma estimativa da função de transferência do trato vocal.

apresentada na parte superior da janela temporal através da segmentação do item em análise.

3.2.2.2. Correlatos Acústicos

Para a análise da duração dos itens, buscou-se identificar os correlatos acústicos das vogais [ã], [ũ] e [u] na distinção *não/num/nu*, bem como os traços acústicos da consoante nasal.

As vogais do português são, em geral, distintas acusticamente através da diferença entre a frequência e intensidade dos formantes. Dessa forma, são apresentadas abaixo as médias de frequência (Hz) e intensidade (dB) dos formantes das vogais [ã], [ũ] e [u], apresentadas por Jesus (1999), e observadas durante a segmentação das ocorrências analisadas:

Tabela 1
Média da frequência (Hz) e intensidade (dB) dos formantes das vogais [ã], [ũ] e [u]

Vogais	[ã]		[ũ]		[u]	
	Freq	Int	Freq	Int	Freq	Int
<i>Média</i> F1	502	-6	333	-15	325	-11
F2	1198	0	704	-13	739	-22
F3	2199	-13	2210	-13	2078	-27
F4	3104	-14	3114	-20	2828	-24
Fn ¹²	241	-21	1250	-29		

Fonte: Jesus (1999).

A partir dos dados da Tabela 1 acima, buscou-se observar, no espectrograma, a altura dos formantes: maior F2 no caso da vogal [ã] e F1 e F2 mais baixos para [ũ]. Na distinção entre

¹² Formante nasal.

[u] e [ũ], avaliou-se a frequência e a intensidade de F3, consideravelmente maior para o último, além, é claro, da presença do murmúrio nasal.

Já as nasais são caracterizadas por um formante baixo, de aproximadamente 250 Hz, com F2 bastante baixo ou ausente como ocorre com os formantes mais altos. E o murmúrio nasal, segmento que aparece no final da vogal quando há nasalização, é caracterizado por um único formante de frequência também bastante baixa, geralmente 250 Hz, que se mantém presente, mesmo quando os formantes mais altos desaparecem.

A partir das especificidades acústicas dos fonemas que compõem e diferenciam as ocorrências foi possível realizar a segmentação e medição dos itens.

3.2.2.3. Segmentação

Para a análise acústica do *corpus* operou-se a transformação dos dados de áudio (.sp) em arquivo de ondas (.wav). Os dados digitalizados foram inseridos no programa para a edição; na análise da duração, era inicialmente identificado auditivamente o item negativo e posteriormente realizava-se a segmentação. Como parâmetro para a segmentação da partícula, observou-se, no espectrograma, o ponto mais escuro no primeiro formante, frequência baixa em que é identificado o som nasal; no oscilograma, buscou-se observar os picos de pulso, obedecendo-se aos limites, inicial da crista regular da consoante e final da crista regular da vogal. Só então, o item era isolado e realizava-se a medição da duração, apresentada nas margens superior e inferior da janela temporal.

É interessante observar que o murmúrio nasal, identificado no espectrograma como um item de frequência bastante baixa presente apenas no primeiro formante, auxiliava na identificação do som nasal quando presente. No entanto, devido à sua baixa frequência (250Hz) e duração (20 ms), nem sempre foi possível identificar o murmúrio nasal através da espectrografia, sendo a imagem do oscilograma utilizada como recurso extra nesses casos.

3.2.2.4. Procedimentos estatísticos

Os resultados obtidos com a análise acústica da duração das produções de cada informante foram registrados numa planilha Excell, a partir da qual se realizou os cálculos estatísticos.

Para a análise estatística dessa população, recorreu-se à estatística descritiva. O cálculo da duração foi feito a partir da média aritmética, soma dos escores dividida pelo número dos escores de um conjunto.

Depois de ser mostrada a constituição e caracterização do *corpus*, de se descrever o grupo dos possíveis fatores condicionadores das variantes inovadoras, de se definir a metodologia de análise quantitativa e acústica utilizada, passa-se, no próximo capítulo, aos resultados das análises.

CAPÍTULO IV

A Análise dos Dados

“O jogo da Ciência é, em princípio, interminável. Quem decida, um dia, que os enunciados científicos não mais exigem prova, e podem ser vistos como definitivamente verificados, retira-se do jogo.”

Karl Popper

O presente capítulo apresenta os resultados da análise acústica e quantitativa a que foram submetidos os dados da amostra. Na seção 4.1 serão comentados os resultados da análise acústica. Primeiramente, serão apresentados na seção 4.1.1, os resultados da análise envolvendo a duração dos itens negativos; na seção 4.1.2, são tratadas as distinções entre clíticos e afixos e a classificação gramatical dos itens e, na seção 4.1.3, faz-se referência ao segmento ‘nasal + forma livre’. Com base nos dados colhidos nas entrevistas sociolinguísticas, são apresentados, na seção 4.2, os resultados da análise quantitativa; as subseções que a compõem são: 4.2.1 As variantes da variável dependente nas entrevistas sociolinguísticas que, por sua vez, é composta dos itens 4.2.1.1 As variáveis independentes externas e 4.2.1.2 As variáveis independentes internas. Em 4.3 encontram-se as conclusões gerais do capítulo.

4.1. A Análise Acústica

Nessa primeira parte da análise, examinar-se-á a variabilidade do elemento negativo pré-verbal quanto à sua duração nas realizações dos dados de todos os informantes que compõem o *corpus* a partir da análise acústica via Praat.

A importância da análise da duração dos elementos está na possibilidade de se verificar uma modificação do estatuto gramatical desses. Segundo o que a literatura diz, os morfemas são classificados, de acordo com sua estrutura prosódica, em formas livres, formas presas e formas dependentes. Segundo Bisol (2005), formas livres ocorrem entre brancos e têm acento próprio, formas presas (afixos) incorporam-se a formas livres alterando-lhes o tamanho e o sentido e, as formas dependentes (clíticos) são as que não têm acento, mas ficam entre brancos e se apóiam no acento da palavra seguinte ou precedente.

Como demonstrado acima, a diferença de estatuto dos elementos gramaticais está fundamentalmente relacionada ao acento: tonicidade da forma livre e atonicidade das formas presa e dependente. Segundo Fernandes (1976) a duração é o parâmetro mais consistente na análise do acento primário e, portanto, essencial para a caracterização da redução da partícula negativa, isto é, menor duração é igual a maior atonicidade.

Essa seção terá por objetivo responder às seguintes questões:

1. Há um processo de redução envolvendo o elemento negativo pré-verbal no PB?
2. Se a resposta a (1) for positiva, esse processo de redução caminha em que direção:
De forma livre para clítico? De clítico para afixo?

4.1.1. Das ocorrências e duração

Ao se iniciar a análise acústica de nossos dados, esperávamos encontrar, como variantes da partícula negativa *não*, os itens *num* e *nu*. No entanto, também nos foi possível verificar que o item negativo pré-verbal também se realiza como [ũ] e como um segmento nasal (*n'*) agregado a palavra seguinte, como em *Não, né o carvão não* (E 6). As realizações fonéticas do item negativo pré-verbal, bem como seu total de ocorrências, são apresentadas na Tabela 2 abaixo¹³:

Tabela 2
Distribuição dos itens negativos no *Corpus* analisado

Realização Fonética	No.
<i>Não</i>	130
<i>Num</i>	301
<i>Nu</i>	454
ũ	15
<i>N'</i>	18
Total	918

É importante ressaltar que como dito anteriormente, além das três formas da partícula negativa já previstas, houve ainda outras formas variantes da negação. A exemplificação e descrição segue abaixo:

1. Vogal alta posterior nasalizada:

¹³ Encontrou-se também a realização *Na* que aparece uma única vez na oração: *Na existia* (E 2). Por ter ocorrido apenas uma única vez, o dado foi excluído do restante da análise.

Ex.: (38) Nós num temo uma sapataria boa. \tilde{U} tem uma loja de tecidos boa (E4)
(39) ... E não sabe mexer com criação. \tilde{U} sabe mexer...

Esse item, diferentemente das formas *não*, *num* e *nu*, apresenta, em todas as ocorrências, contexto específico de produção. Como pode ser observado nos exemplos acima, esse contexto é marcado pela presença de uma sentença com um item negativo qualquer anterior e uma outra sentença repetindo a mesma estrutura, agora com o item [\tilde{u}] indicando a negação. Esse tipo de ocorrência faz supor que o item [\tilde{u}] funcione como um elemento anafórico indexado ao elemento negativo da estrutura anterior. Veja o exemplo abaixo:

(40) Mariana *nu*_I tem uma indústria ainda... \tilde{U} _I tem uma fábrica de calçados... (E3)

Se há uma redução maior da negação em sentenças cuja informação negativa é antecipada por uma sentença anterior, pode-se supor que a previsibilidade pode influenciar na redução. Dessa forma, os dados de [\tilde{u}], que é mais reduzido que as outras formas de negação, apresenta indícios de relação entre esvaziamento semântico e redução fônica.

2. ‘Nasal + forma livre’ como palavra fonológica:

Ex.: (41) *Né* quele médico que vai te atender... passar remédio. (E4)

(42) Na época, *n*'aceitava. (E17)

(43) ... que *n*'adianta nada fazer greve. (E18)

Essa segunda forma de realização da negação também apresenta especificidades quanto ao seu contexto de ocorrência, embora esse contexto não seja de natureza estrutural, mas sim fonética. O ‘item Nasal + forma livre’ ocorre apenas quando a forma livre a qual

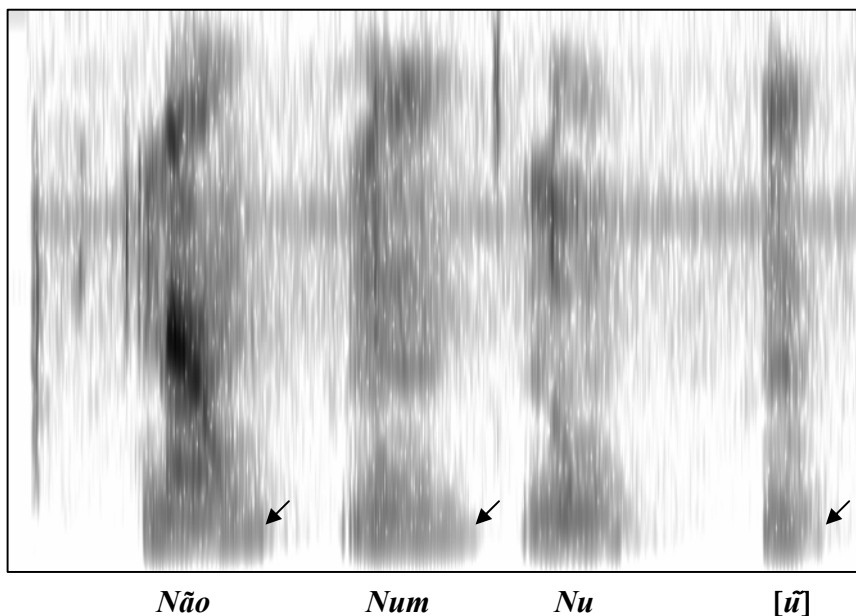
se agrega é iniciada por uma vogal¹⁴; o resultado é um vocábulo único com a modificação da estrutura silábica inicial que passa de V para CV.

Esse tipo de ocorrência levanta a hipótese de que a negação no PB caminha para a etapa afixo. Um primeiro questionamento que se pode levantar quanto a essa hipótese é justamente quanto ao contexto de produção, se se tratar de a etapa afixo de um processo de *gramaticalização*, por que esse elemento ocorre apenas diante de vogal? Ora, o fato de esse item negativo ocorrer somente diante de vogal não invalida, em si, a hipótese; sendo o PB uma língua em que a seqüência ‘nasal + consoante’ não é possível em início de palavra, pode se pensar que, por uma restrição fonotática, a incorporação seja impedida.

Essa questão é de especial interesse para o estudo aqui desenvolvido e, por isso, receberá uma análise mais detalhada a frente.

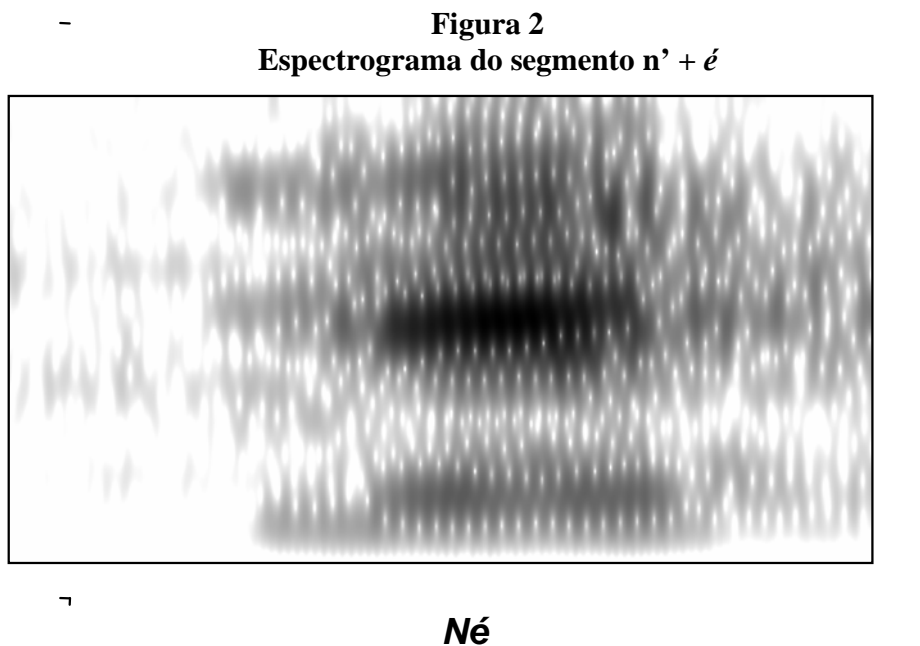
Como descrito no capítulo referente à metodologia, a espectrografia foi um recurso utilizado na identificação e posterior medição dos segmentos em análise. Observe o espectrograma dos itens *não*, *num*, *nu* e *ũ* na Figura 1 abaixo; as setas indicam a presença do traço nasal:

Figura 1
Espectrograma dos segmentos *não*, *num*, *nu* e *ũ*



¹⁴ No *corpus* do presente estudo, essa formação ocorre apenas com as vogais /ε/, /a/ e /i/. No entanto, as ocorrências de verbos com as vogais posteriores foram apenas duas: usa (E 4) e olha (E 8), o que dificulta qualquer afirmação categórica quanto à impossibilidade de ocorrência do fenômeno com vogais posteriores.

A visualização do item *n'* é mais difícil de ser percebida isoladamente, pois, como já anteriormente apontado, o murmúrio nasal é um segmento de frequência e duração bastante baixas. Optamos, então, por apresentar o espectrograma do segmento na formação '*n*' + *é*' (Né), veja abaixo:



As partículas foram medidas, conforme descrito na metodologia, levando-se em consideração o oscilograma e o espectrograma. Para facilitar a visualização dos limites do segmento, usou-se o recurso de expandir o oscilograma, o que auxiliou na mensuração. Os dados médios por informante obtidos encontram-se na Tabela 3¹⁵.

¹⁵ O seguimento [*ũ*] não está ainda presente na mensuração por ter ocorrido poucas vezes (15) na fala de apenas 7 dos informantes, sendo que para alguns ocorreu uma única vez, não havendo, portanto, exatamente uma média de valores por indivíduo.

Tabela 3
Duração média dos itens negativos, em milésimos de segundo, por falante

Informante	Médias de duração (ms)		
	Não	Num	Nu
A.C.G	-	118,5	84,38
C. A. X.	180	-	86,5
D. B.	167,66	119,25	89,82
E. S. O. B.	170,82	136,97	86,09
E. O. C. S.	170,25	130,11	79,3
M. F. O.	175	129,36	71,57
F. A. S.	152	127,14	78,97
G. T.	141	124,3	77,31
G. A. F. S.	184,45	140,6	86,33
G. A. O.	163,46	118,78	71,31
G. H. S. R.	-	145,4	93,3
I. S. A. P.	176,16	134,35	86,78
L. A. N.	183,66	127,62	73,43
L. G. S.	182	123	73,66
L. J. B.	161	139,53	79,38
M. C. S. F.	155	126,37	75,96
M. A.	173,2	146,35	83,71
N. B. R. P.	165,5	137,83	78,32
R. A. S.	156,66	132,65	76,53
R. A. S. G.	158,66	130,43	79,11
Total	150,41	130,97	80,58

Pôde-se observar, por estes dados, que a forma plena da negação mostrou-se a mais longa. Quanto às formas reduzidas, a que apresentava o seguimento nasal ocupou a posição intermediária, sendo a ocorrência com a vogal oral a de menor duração. Tal fato corrobora a hipótese da redução e conseqüente atonicidade do item negativo pré-verbal no PB.

A cliticização, segundo apontado por Vitral (1999), deve ser vista como um processo gradual e heterogêneo que é parte de um processo mais amplo de *gramaticalização*. Na cliticização espera-se que haja a perda de substância fônica, o que

reduz a duração do item; dessa forma, a atonicidade do item negativo pré-verbal faz supor a existência de um processo ainda em andamento.

Pensou-se, inicialmente, em também fazer a medição das ocorrências de (1) [ũ] e (2) N', porém, para o item (2) tal mediação não foi possível, uma vez que o segmento nasal, por se tratar de um som de baixa frequência (250 hz) e curta duração (20-30 ms), é de particular dificuldade de análise, não sendo sua presença sempre reconhecível no espectrograma. Os valores gerais médios de todas as ocorrências são, agora, apresentados na Tabela 4 abaixo:

Tabela 4
Duração média geral dos itens negativos presentes
no corpus

Realização	Duração (ms)
<i>Não</i>	150,4
<i>Num</i>	130,9
<i>Nu</i>	80,5
<i>ũ</i>	55

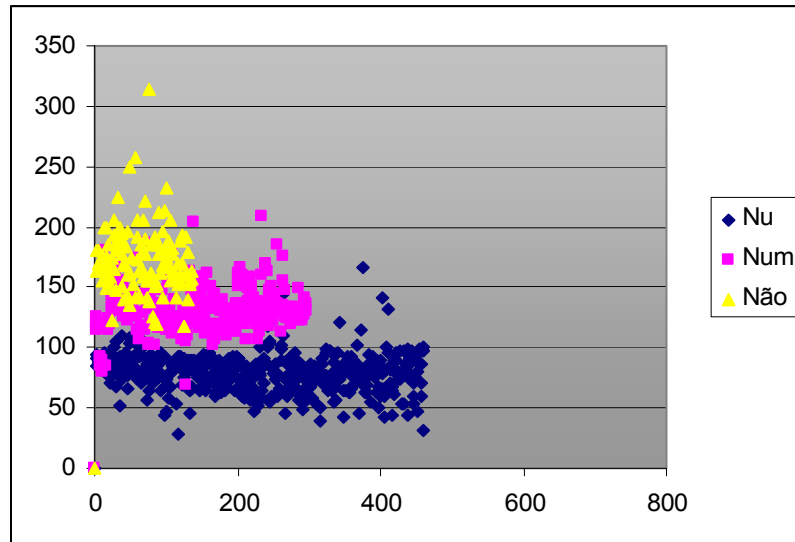
Como o esperado, o segmento [ũ] foi o que apresentou a menor duração (55), seguido do *nu* (80,5), também consideravelmente reduzido. O *num* apresentou média de duração (130,9) muito próxima à que chegou Ciriaco, Vitral & Reis (2004) em análise similar; em seus resultados a média de duração do item variou entre 101,7 diante de sílaba átona e 128,9 diante de sílaba tônica.

Percentualmente, a quantidade de distanciamento das formas reduzidas em relação à plena variou de 13% do *num*, 46% do *nu* e 63% do [ũ]; a diferença nos pareceu significativa. Essas características, no entanto, podem ser mais bem visualizadas a partir de um gráfico de dispersão criado a partir do cálculo das médias de duração dos segmentos *não*, *num* e *nu*¹⁶ (eixo Y) e número de ocorrência (eixo X) de cada um desses segmentos. Veja:

¹⁶ O item [ũ] não está presente no gráfico, por ter sua realização limitada pelo contexto sintático.

Gráfico 1

Dispersão da duração dos itens negativos *não*, *num* e *nu*.



Pôde-se observar, a partir do Gráfico 1 acima, que enquanto o item *nu* apresenta a duração mais baixa e a maior quantidade de ocorrências, o *não*, que é a forma canônica, apresenta a maior duração e o menor número de ocorrências, estando o *num* na posição intermediária. Assim, é possível perceber um perfil gradual em que há uma tendência à redução da duração do segmento. Vejamos, então, a que conclusões quanto ao estatuto gramatical desses elementos podemos chegar.

Sabe-se que o item *não* é geralmente considerado, em termos da gramática gerativa, uma palavra funcional ou gramatical, núcleo de uma projeção máxima, enquanto que o *num*, por sua característica de partícula átona que se agrega a um hospedeiro, é tido como um clítico. O item *nu*, como dito anteriormente, apresenta características muito próximas do item *num*, podendo ser descrito também como uma forma clítica. Resta-nos, no entanto, tecer considerações a respeito do elemento *n'* que, como relatado, apresenta características muito próximas às de um afixo. Para tanto, faz-se necessária a explanação teórica das particularidades que permitem a distinção clítico - afixo.

4.1.2. Clíticos e afixos: descrição teórica.

Como apresentado no início dessa seção, a classificação dos morfemas do Português segue, principalmente, critérios prosódicos. Enquanto as formas livres são independentes e apresentam acento próprio, afixos e clíticos são átonos e se agregam a uma forma acentuada.

Sendo clíticos e afixos formas átonas e dependentes de um hospedeiro, quais seriam as características que os distinguiriam? Como tentativa de resposta a essa pergunta, lança-se mão da literatura sobre o tema.

Câmara Jr. (1977), um dos primeiros estudiosos brasileiros a tratar da distinção clítico-afixo, apresenta duas importantes considerações; a primeira é que a forma dependente pode separar-se da forma a que se liga de um modo que as formas presas não podem e, a segunda é que a forma dependente pode mudar de posição em relação a determinado elemento lexical.

Também Scalise (1984:183-185), em estudo posterior, contrasta clíticos e afixos, apresentando, no entanto, uma análise mais aprofundada. Suas conclusões são assim apresentadas:

- Clíticos não obedecem a restrições fonotáticas a que obedecem os afixos;
- Clíticos são sensíveis, de um modo que os afixos não o são, ao tipo de flexão no elemento a que se agregam;
- Ao passo que ordens alternativas são possíveis para os afixos derivacionais, o mesmo não se pode dizer dos clíticos;
- Clíticos (do mesmo modo que os afixos flexionais) não mudam a categoria da palavra a que se ligam, ao passo que os afixos derivacionais podem ou não mudá-la;
- As combinações de palavra/afixo não são bloqueadas, mas as combinações com determinado afixo envolvem lacunas arbitrárias;
- As regras sintáticas podem afetar as palavras enquanto uma unidade, mas não uma combinação de palavra com clítico.

Também com o objetivo de distinguir clíticos de afixos flexionais, Zwicky (1985) elabora seis critérios, sendo os dois últimos relacionados aos primeiros. Os critérios são:

1. Clíticos exibem baixo grau de seleção em relação a seu hospedeiro, enquanto afixos apresentam alto grau de seleção em relação a seu hospedeiro. Dessa forma, clíticos unem-se a quaisquer palavras: pronomes, proposições, conjunções, verbos e adjetivos; enquanto afixos, por sua vez, seriam mais específicos em relação à forma com a qual se amalgamam.
2. Afixos têm como característica intervalos (gaps) arbitrários no conjunto de combinações. Na combinação hospedeiro-clítico não há *gaps*.
3. Afixos causam alterações morfofonológicas, clíticos não afetam o hospedeiro do ponto de vista morfofonológico.
4. Idiossincrasias semânticas são mais comuns em afixos. A contribuição para o significado da oração é a mesma no caso dos clíticos.
5. O clítico pode estar junto a outros clíticos, afixos não.
6. Regras sintáticas podem afetar afixos, mas não clíticos.

Mais recentemente, Bisol (2005) retorna a essa questão. A autora apresenta cinco propriedades dos clíticos, sendo as três primeiras universais e as duas últimas de língua particular:

- São átonos
- São formas dependentes
- Pertencem a diferentes classes morfológicas
- São ignorados por regras sensíveis à informação morfológica
- Junto de seu hospedeiro oferecem contexto para regras fonológicas pós-lexicais.

De todas as propriedades acima descritas, a que a autora mais se atém quanto à distinção entre clíticos e afixos é a que se refere à aplicação de regras pós-lexicais pelos clíticos e, lexicais pelos afixos. Essas regras têm muito a ver com a formação de palavras, isso considerando a Fonologia Lexical. Dentro desse modelo teórico, o léxico se apresenta como um componente da gramática que se estrutura em níveis e contém regras ligadas ao componente fonológico propriamente dito e à sintaxe. No nível lexical, seriam definidas as

formas básicas dos morfemas – processos de derivação, flexões e formações produtivas; já no nível pós-lexical, saída do léxico e entrada para a sintaxe, acontece um tipo especial de composição envolvendo palavras independentes que não afeta as operações morfológicas.

Assim, enquanto na relação clítico-hospedeiro há a aplicação de regras pós-lexicais, na relação afixo/forma livre há a ocorrência de regras lexicais, ou seja, aquelas que atuam na formação do léxico. Acrescentando, Bisol (2005: 183) ainda afirma que “o clítico (...) não se confunde com o afixo, porque dispõe de mais liberdade do que a forma presa, embora essa liberdade tenha também seus limites”.

Do ponto de vista gramatical, tanto afixos quanto clíticos, em geral, adicionam informações gramaticais ao lexema. São também ambos definidos como núcleos, se distinguido, porém, quanto a sua inserção na estrutura sintática. Enquanto os clíticos se adjungem a palavra livre já no âmbito da sintaxe, os afixos são incorporados ao lexema ainda no léxico; dessa forma considera-se que os afixos fazem parte da sintaxe interna da palavra.

Como pudemos observar durante a explanação sobre as distinções entre clíticos e afixos, há freqüentemente uma dispersão teórica. Constatamos, porém, que a diferença principal é geralmente associada à relação desses com seu hospedeiro. E será a essa questão que nos atentaremos mais quando da classificação dos segmentos em análise.

4.1.3. Considerações sobre o item *n'*

Como apontado acima, uma das ocorrências da negação pré-verbal é caracterizada por um segmento nasal que se agrega a uma forma livre iniciada por vogal. Essa ocorrência se assemelharia muito à de um afixo. Dessa forma, pretende-se, nessa seção, tentar caracterizar o item *n'* como afixo ou clítico, utilizando para isso os critérios acima descritos.

O principal critério apresentado pela literatura na distinção clítico-afixo é quanto à aplicação de regras lexicais e pós-lexicais. Clíticos estão sujeitos a regras pós-lexicais, afixos sofrem regras lexicais. Quanto à formação ‘nasal + forma livre’, pode-se supor um caso de sândi vocálico externo com a elisão da vogal /u/ de *nu*. Em se tratando de uma

regra pós-lexical, a confirmação da aplicação de uma regra de sândi caracterizaria, em princípio, o item como um clítico. Façamos, então, a análise.

O conceito de sândi externo refere-se a um processo de ressilabação que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado. Quando essas palavras se encontram e a seqüência VV (vogal-vogal) se delinea, independentemente do resultado que venha provocar, degeminação ou elisão, a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte, manifestando-se com as características fonológicas de posições fortes. Assim, na sentença “*n*’adianta fazer greve” (E18) ter-se-ia a junção *nu* + adianta com a elisão do *u* e a formação do vocábulo [na’dzãtə].

Dentre as características da elisão tem-se que essa só ocorre na fronteira entre palavras e somente se as duas vogais forem átonas, no entanto, em nosso *corpus* há dados como “tem uma casa que *n*é diferente não” (E19) e “*n*era que ele era discriminado” (E17), em que há, se se considera uma formação de sândi, a junção *nu* + é/era, sendo o /ε/ uma vogal acentuada. Tal fato parece ir contra à hipótese de sândi.

Há, no entanto, outros trabalhos (Abaurre, 1996; Tenani, 2004) que consideram que o bloqueio a processos de sândi está relacionado à proeminência da frase fonológica. Segundo Abaurre (1996: 45):

O bloqueio a esses processos ocorre quando [o] acento primário de palavra, atribuído no componente lexical, é também interpretado, pós-lexicalmente, como acento frasal, portador de informação sintática, dentro de uma hierarquia de proeminências prosódicas sintaticamente motivadas.

Partindo dessa afirmação, Abaurre (Op. cit.) argumenta que é a frase fonológica (φ) o domínio prosódico de aplicação e bloqueio dos fenômenos de sândi. Dessa forma, pode-se pensar na possibilidade da elisão da vogal átona seguida de vogal tônica se esse segundo item deixar de ser acento primário no nível da frase fonológica para se tornar acento secundário. Por exemplo, em “esse menino é feio”, pode haver a elisão do fonema /u/ de menino e a junção do verbo *é* (vogal tônica), com a formação da frase fonológica [esi] [mi’ninε]φ[feiu]; nesse caso o processo de sândi não seria bloqueado porque com a formação prosódica, a vogal tônica, que é o verbo, deixaria de ter a incidência do acento

primário da ϕ para ser o secundário. Em nossos dados, no entanto, não parece ser a constituição de ϕ , com a perda do acento primário da vogal tônica, regra para a juntura dos itens, uma vez que essa formação ocorre em menor número. Observe abaixo:

(44) [Nɛ]ϕ[fácil não] (E 16)

(45) [Nɛrə]ϕ[que ele era discriminado] (E 17)

Com os questionamentos levantados acima, chega-se a um impasse quanto à descrição do item “nasal + palavra” como uma formação de sândi. Dessa forma, houve a necessidade de se buscar na própria sintaxe, um meio de caracterização do item *n'*.

Uma primeira característica sintática apresentada por Zwicky (1985) para os afixos é que, diferentemente dos clíticos, esses causam alterações morfofonológicas nos elementos aos quais se agregam. Essa é uma das características do *n'*.

Ainda segundo Zwicky, clíticos se unem a quaisquer palavras: pronomes, proposições, conjunções, verbos e adjetivos; enquanto afixos são mais específicos em relação à forma com a qual se amalgamam. Em nossos dados, diferentemente do *não*, que pode se unir a adjetivos como em “não-viáveis”, o item *n'* ocorre somente agregado a verbos, o que contaria em favor da hipótese do item enquanto afixo.

Como observado, as duas características avaliadas, apontam em favor da definição do item *n'* como um afixo. No entanto, como demonstrado, os critérios de distinção entre clíticos e afixos são bastante rudimentares, não há na literatura sobre o tema nenhuma caracterização que nos pareça eficiente. Dessa forma, preferimos não afirmar de forma categórica a ocorrência afixal da negação no PB, mas levantamos questionamentos quanto a essa possibilidade e, ainda, quanto a própria conceituação de clíticos e afixos.

Considerando-se, porém, que o item em questão seja um afixo, é importante ressaltar que esse não parece se tratar de um afixo derivacional, com formação no léxico. Tal fato nos possibilitaria considerar a existência de um afixo sintático como uma etapa intermediária entre o clítico e o afixo derivacional num processo de *gramaticalização*. Quanto a essa questão, o *né* nos fornece um questionamento interessante: enquanto marcador discursivo, o *né* parece ter sua formação já no léxico, mas, enquanto oração como

no exemplo *Né fácil não*, a formação ‘*não* + *é*’ nos é perceptível ainda como uma formação sintática e não como uma palavra lexical.

A discussão acima descrita nos leva a considerar o afixo, enquanto resultado de um processo de *gramaticalização*, como um item de natureza flexional. Veja-se que a formação do futuro sintético românico no qual a forma verbal *habeo* – de um verbo lexical presente na perífrase latina *amare habeo*, da qual o futuro deriva – passa a ser um marcador de tempo e pessoa gramaticais nas línguas românicas (‘hei de fazer > farei’); no entanto, esse afixo permite a inserção de um clítico pronominal no caso de uma mesóclise – *dir-te-ei*. Esse tipo de construção é menos produtivo hoje do que foi em períodos anteriores da história do português, o que demonstra que gozava de maior liberdade em relação a seu hospedeiro que outros afixos, mas que essa “liberdade” vem sendo perdida e o afixo se tornado mais dependente.

Chegamos ao fim dessa seção não com as respostas às perguntas com as quais ele foi iniciado, mas com outros questionamentos que não serão aqui respondidos, mas que podem servir de subsídio a novos estudos: Quais seriam as características peculiares dos clíticos e dos afixos? Seria possível se considerar a existência de um afixo sintático de natureza flexional? Se existir um processo de afixação sintática, que conseqüências isso acarretaria para a estrutura da língua?

4.2. A Análise Sociolingüística

Essa seção apresenta os resultados da análise quantitativa a que foi submetida a amostra das entrevistas sociolingüísticas realizadas com informantes moradores da cidade de Mariana/MG. Na seção 4.2.1. serão apresentados os resultados da análise quantitativa dos dados: 4.2.1.1, as variáveis independentes externas – idade e gênero/sexo do informante e, 4.2.1.2, as variáveis independentes internas – tipo de estrutura, tipo de oração, perífrase ou não-perífrase verbal e supressão ou retenção do sujeito. Primeiramente, serão apresentados os resultados em tabela para as duas variáveis dependentes - forma plena e formas reduzidas, e o gráfico dos fatores em análise somente para a variante inovadora ‘formas reduzidas’.

4.2.1. As Variantes da Variável Dependente nas Entrevistas Sociolingüísticas

No *corpus* analisado, computou-se um total de 918 construções com negativa pré-verbal, como pode ser visto na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5
Distribuição das Construções Negativas no *Corpus* analisado

Realização Fonética	No.	%
<i>Não</i>	130	15
<i>Num</i>	301	32
<i>Nu</i>	454	49
<i>Ũ</i>	15	2
<i>N'</i>	18	2
Total	918	100

Considerando as porcentagens acima apresentadas, tem-se que a variante inovadora *nu* é bastante freqüente em relação a todo o *corpus* analisado. Uma proporção também expressiva pode ser observada na forma também inovadora *num*. O *não*, que é a forma canônica da partícula negativa, embora tenha o terceiro maior percentual, ocorreu em quantidade numericamente bastante inferior aos segmentos *num* e *nu*. O [ũ] e o *n'* obtiveram um percentual comum, 2%.

A diferença percentual entre os itens reduzidos se mostrou relevante; apesar disso, é necessário, para uma análise mais eficiente do fenômeno, que, além das porcentagens, apresente-se a análise de probabilidade. Para essa análise, como assinalado no capítulo sobre a metodologia, tornou-se necessário a utilização de um programa que realizasse os cálculos probabilísticos a partir da interação de todos os fatores que poderiam influenciar no processo de redução do item negativo. O programa escolhido, no entanto, realiza as estimativas somente para duas variáveis dependentes. Por considerar que, independente do item resultante, os fatores que influenciam na redução são os mesmos, unimos todos os itens reduzidos em apenas uma variável a qual denominamos ‘formas reduzidas da

negação’. Assim, à direita das tabelas, serão apresentados os pesos relativos, valores probabilísticos, na análise dos vários fatores controlados: os de ordem social e os internos.

Quanto ao fator faixa etária, porém, apresentamos, além do peso relativo para as variáveis dependentes forma plena e formas reduzidas, o percentual de ocorrência de cada realização fonética indicada na Tabela 4. O objetivo era o de verificar se havia dispersão quanto o grau de utilização de cada segmento nas diferentes faixas etárias.

4.2.1.1. As Variáveis Independentes Externas

Como variáveis independentes externas foram investigados os seguintes fatores: idade e gênero/sexo. Foram selecionados pelo Programa Goldvarb (Cf. anexo 04), como estatisticamente relevante ao fenômeno em análise, os dois fatores acima mencionados.

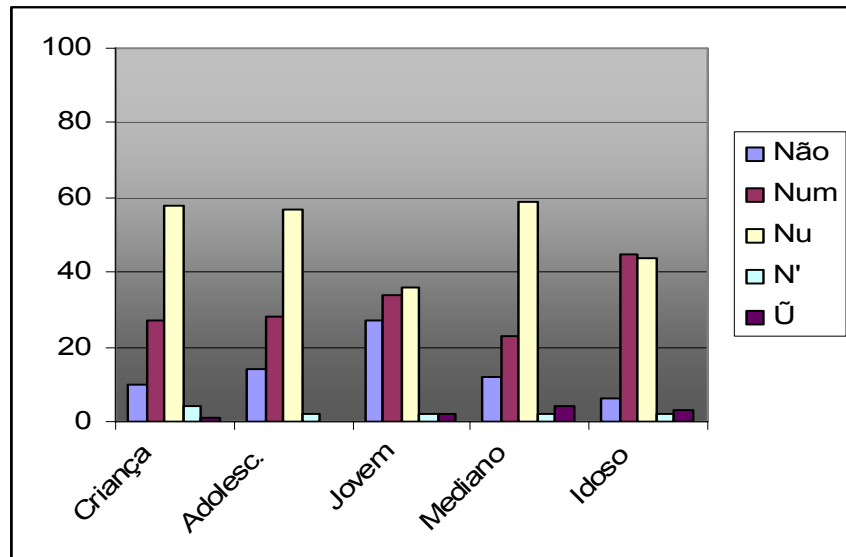
A ocorrência das variáveis externas foi observada, primeiramente, em relação à faixa etária dos informantes e pode ser visualizada na Tabela 6:

Tabela 6
Taxa de uso das ocorrências negativas em função da faixa etária

Item negativo	Idoso		Mediano		Jovem		Adolesc.		Criança		Total	
	Nº.	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº.	%
<i>Não</i>	12	6	18	12	63	27	23	14	14	10	130	14
<i>Num</i>	95	45	38	23	81	34	48	28	39	27	301	32
<i>Nu</i>	93	44	95	59	85	36	99	57	82	58	454	49
<i>N'</i>	4	2	3	2	3	2	3	2	5	4	18	3
<i>Ũ</i>	6	3	5	4	3	2	-	-	1	1	15	2
Total	210	22	159	17	235	25	173	18	141	15	918	100

A comparação dos resultados mostra perfis diferentes. O Gráfico 2, a seguir, lança mão das porcentagens e mostra o perfil dos segmentos negativos com relação à faixa etária dos informantes:

Gráfico 2
Efeito do fator faixa etária sobre o uso de todas as variantes da negação



A partir da visualização do gráfico acima, percebe-se que o item *nu* é o que apresenta o maior percentual de ocorrência nas faixas etárias das crianças até os medianos, apenas para os idosos esse perfil não se mantém: nessa faixa etária, há um percentual maior de uso do item *num*, segundo mais freqüente para as outras idades. A forma canônica ocorreu mais entre os jovens e em menor número entre os idosos. O *n'* foi mais freqüente entre as crianças, tendo percentual igual em todas as outras faixas etárias. O item [*ũ*] foi mais recorrente entre as faixas etárias mais velhas. A dispersão no percentual de ocorrência dos itens, chama atenção. Trataremos agora do cálculo de peso relativo e retornaremos a essa questão mais tarde.

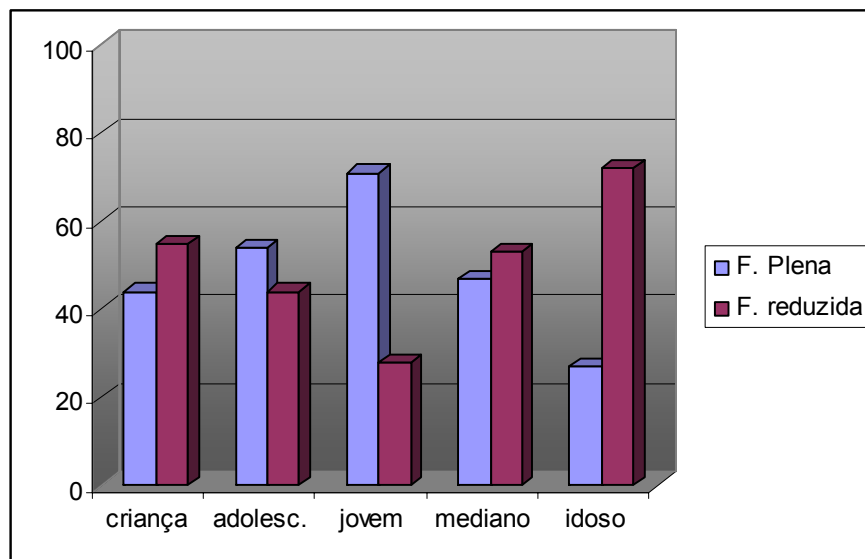
Conforme explicitado no capítulo 3 referente à metodologia, o Programa de Análise Estatística Goldvarb 2001 trabalha apenas com dois fatores na variável dependente. Dessa forma, mesclamos todas as ocorrências reduzidas em apenas um fator rotulado *formas reduzidas* que passou a ser analisado em oposição à ocorrência da forma plena (*não*); assim, pôde-se apresentar, além da porcentagem, os valores relativos à probabilidade de ocorrência (Peso Relativo – PR) da redução para cada variável independente em análise. Passa-se, na Tabela 7 abaixo, à análise das formas reduzidas e da forma plena para cada faixa etária:

Tabela 7
Taxa de uso das formas plena e reduzidas em função da faixa etária

Item negativo	Idoso			Mediano			Jovem			Adolesc.			Criança			Total
	N°	%	PR	N°	%	PR	N°	%	PR	N°	%	PR	N°	%	PR	
<i>Forma Plena</i>	12	6	.27	18	12	.47	63	27	.71	23	14	.54	14	10	.44	130
<i>F. Reduzidas</i>	198	94	.72	141	88	.53	172	73	.28	150	86	.44	127	90	.55	788
Total	210			159			235			173			141			918

O Gráfico 3, a seguir, lança mão dos pesos relativos da rodada binária e mostra o perfil das construções negativas com relação à faixa etária dos informantes:

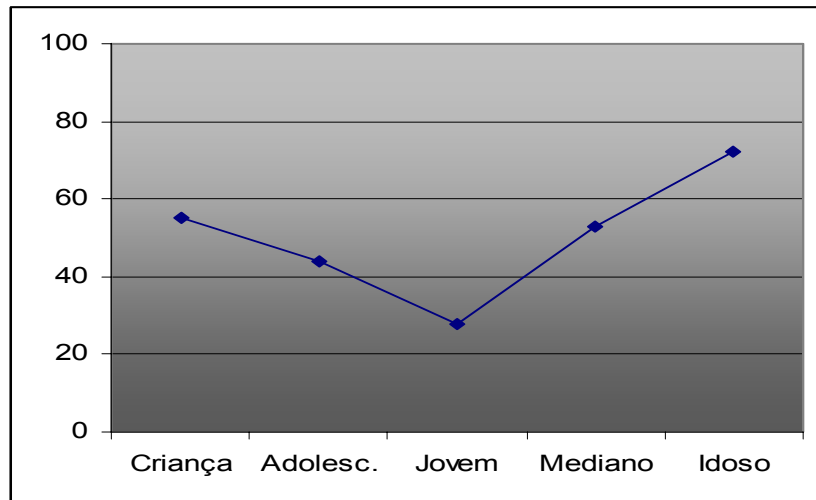
Gráfico 3
Efeito do fator faixa etária sobre o uso das negativas



Os dados mostram que o maior índice de ocorrência da *forma plena* encontra-se entre os jovens, seguindo dos adolescentes, dos medianos e das crianças, menor índice está entre os idosos. Valores contrários são encontrados para a variante '*formas reduzidas*', em que a maior probabilidade de realização encontra-se entre os idosos, seguidos respectivamente das crianças, dos medianos, dos adolescentes e dos jovens.

Vejamos separadamente apenas os pesos relativos para a variante *formas reduzidas* no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4
Efeito do fator faixa etária sobre o uso das formas reduzidas

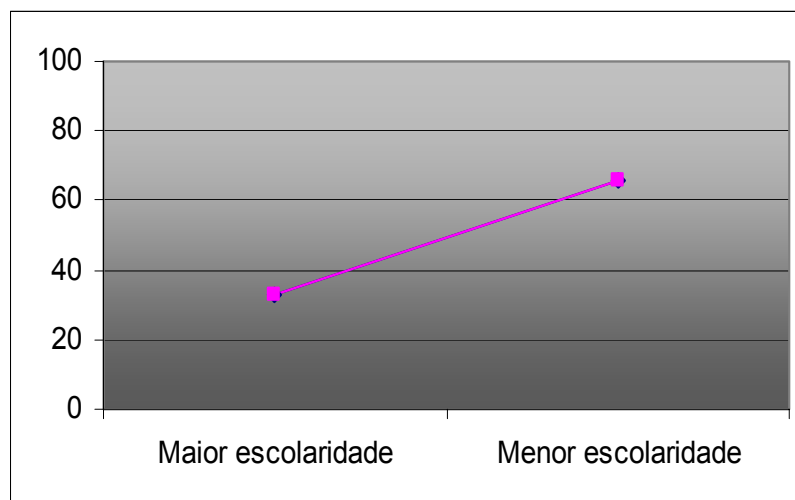


Nota-se nesse gráfico um quadro pouco comum, com um perfil descendente até a faixa etária dos jovens e aumento brusco entre as faixas etárias seguintes. Esperava-se ou uma curva ascendente, sinal de recuo na variação; uma curva descendente, indicativo de *mudança em progresso* ou ainda; um traço contínuo, alusivo à variação estável. Tornou-se, então, oportuno levantar os fatores que estariam influenciando tal configuração.

Chamou-nos atenção a pouca probabilidade de ocorrência das variantes inovadoras entre a faixa etária dos jovens e a grande probabilidade de ocorrência entre os idosos. Atentamos-nos, então, às características peculiares a esses dois grupos. Percebemos a partir da análise das fichas de cada informante dos dois grupos que, enquanto os informantes jovens apresentavam o maior grau de escolaridade (segundo grau completo e superior completo e incompleto), os informantes idosos eram, em sua maioria, apenas alfabetizados, ou seja, cursaram apenas as primeiras séries do ensino fundamental. Segundo Oliveira e Silva & Scherre (1996), a escolarização tem efeito sobre o uso da forma padrão.

Uma vez que nossos dados são compostos também por crianças ainda em processo de escolarização, não sendo possível, portanto, falar-se de grau de escolaridade para esse grupo, esse fator não foi controlado. No entanto, essa informação foi registrada na ficha de todos os informantes que compunham o *corpus*. Buscou-se, assim, criar uma nova variável independente composta pelos fatores maior escolaridade (> que segundo grau) e menor escolaridade (< que segundo grau) e fazer uma nova análise via Goldvarb, tomando o cuidado de, nessa nova análise, excluir a faixa etária das crianças. O efeito do fator escolaridade em peso relativo é apresentado no Gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5
Efeito do fator escolaridade sobre o uso da
variante inovadora ‘formas reduzidas’



O Gráfico mostra que o uso da *variante inovadora* pelos informantes com segundo grau teve o peso relativo .37, enquanto o mesmo uso pelos informantes com menor grau de escolaridade apresentou o peso relativo .56, isto é, é mais provável a sua realização no grupo dos informantes de menor escolaridade. Dessa forma, o alto índice de probabilidade de ocorrência entre os idosos e, baixo entre os jovens pode ser explicado principalmente por estas faixas etárias constituírem respectivamente, os informantes com menor e maior grau de escolaridade em comparação às outras, cujos índices se mostraram bastante

próximos: .55 para as crianças, .44 para os adolescentes e .53 para os medianos. Se se considera que as diferenças entre as faixas etárias dos jovens e dos idosos pode ser explicada pela cizânia do grau de escolaridade entre os grupos, pode-se pensar num perfil retilíneo, o que indicaria um perfil de variação estável. No entanto, para a confirmação desse status, há que se realizar uma outra análise, controlando, dessa vez, o fator escolaridade.

Um outro fator investigado e que pode ajudar na constatação de quem está levando a variação à frente é o fator gênero/sexo. Segundo Paiva (2003: 36): “Não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudança lingüística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens”.

Esse fator também poderá ajudar no julgamento social da variante inovadora, se estigmatizada ou prestigiada. De acordo com a literatura, as mulheres se preocupam mais com o prestígio da forma.

A Tabela 8, a seguir, mostra a realização da forma plena e das formas reduzidas de acordo com o fator gênero/sexo:

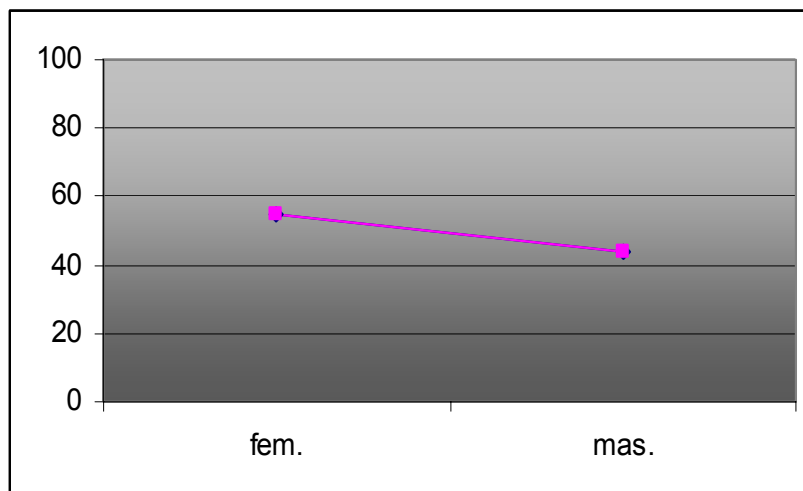
Tabela 8
Taxa de uso das variantes reduzidas em função do gênero/sexo do informante

Item negativo	Feminino			Masculino			Total
	Nº.	%	PR	Nº.	%	PR	
<i>Forma Plena</i>	60	13	.44	70	16	.55	130
<i>F. Reduzidas</i>	411	87	.55	377	84	.44	788
Total	471			447			918

De acordo com os resultados, é mais provável o uso da variante inovadora pelos informantes do gênero/sexo feminino.

O Gráfico 6 mostra a taxa de uso das formas reduzidas, em relação a essas duas classes, com base nos pesos relativos:

Gráfico 6
Efeito do fator gênero/sexo sobre o uso das variantes reduzidas



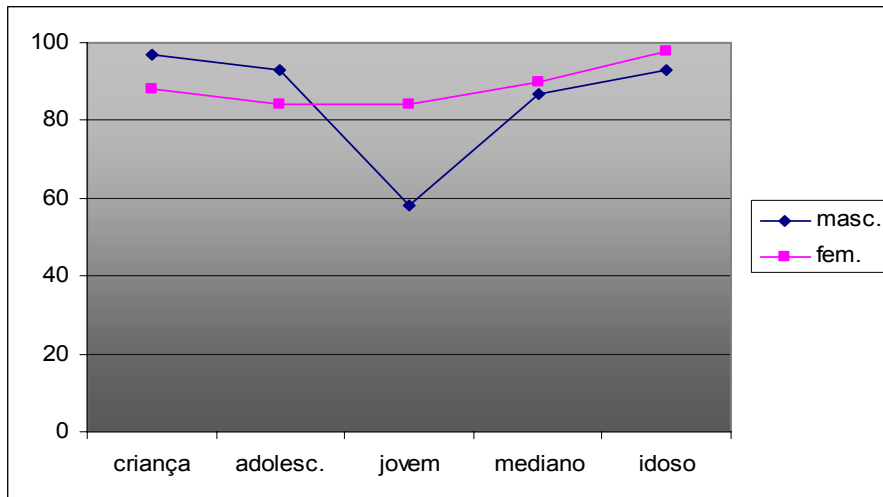
De acordo com os resultados obtidos para as formas reduzidas, são as mulheres que estão levando à frente tal variante.

Pelo que se conhece da Literatura Sociolinguística, são muitos os trabalhos que correlacionam a variação linguística ao fator gênero/sexo (FISCHER, 1958; LABOV, 1966; SCHERRE, 1996; OMENA, 1996). Sabe-se que as mulheres têm maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. Assim, os resultados parecem indicar que a ocorrência reduzida da negação não é estigmatizada socialmente. No entanto, para testar essa avaliação, foram realizados testes com falantes que moram na cidade de Mariana.

Durante a realização do teste, foi pedido aos informantes que ouvissem a gravação de doze períodos e depois dissessem, para cada um deles, se a pessoa que o pronunciou, estudou muito ou pouco e que, por fim, justificasse a resposta. Os resultados indicaram que a maioria dos informantes (60%) não avaliaram negativamente as sentenças reproduzidas. Analisando a justificativa apresentada por esses, pudemos perceber que, muitas vezes, as formas reduzidas da negação não foram percebidas; as justificativas se pautaram principalmente no conteúdo semântico da oração e na realização das concordâncias nominais e verbais. Nenhum informante indicou a redução do item negativo como critério de avaliação.

Para se aprofundar na investigação dos fatores externos, fez-se o cruzamento dos fatores idade e gênero/sexo. O Gráfico 7, a seguir, apresenta os resultados desse cruzamento, considerando o percentual de ocorrência:

Gráfico 7
Efeito dos fatores idade e gênero/sexo sobre o uso das variantes reduzidas



Pode-se observar, no gráfico acima, que enquanto o percentual de ocorrência da variante reduzida apresenta, entre as mulheres, o perfil de uma variação estável, com poucas diferenças nos percentuais de cada faixa etária, o grupo de falantes do gênero/sexo masculino apresenta uma peculiaridade, a faixa etária dos informantes jovens, representou uma queda brusca no quadro percentual de ocorrência das formas reduzidas.

Considerando-se o perfil dos informantes masculinos que pertencem a esse grupo, pôde-se perceber que se trata de um conjunto de indivíduos recém formados no ensino superior e que estão se inserindo agora no mercado de trabalho, diferentemente das mulheres que pertencem a essa mesma faixa etária, ambas se distinguem pela situação financeira estável. Naro (2003) já ressalta que a posição do falante no mercado de trabalho pode ser considerada como um fator importante em alguns fenômenos variáveis. Tal fato indica que, não foi exatamente o fator escolaridade que influenciou o perfil da variação entre as diferentes gerações apresentado no Gráfico 4, mas a preocupação de inserção no mercado de trabalho aliado à alta escolaridade. Tais fatores são, portanto, mantenedores da forma canônica.

A partir dos resultados do cruzamento gênero/sexo e faixa etária para a variante ‘formas reduzidas’, pode-se inferir que realmente há um quadro estável para a variação envolvendo forma plena e formas reduzidas.

Com base na análise apresentada nessa subseção, conclui-se que:

1. Se se considera que as diferenças entre as faixas etárias dos jovens e dos idosos pode ser explicada pela cizânia do grau de escolaridade entre os grupos e pela preocupação com a inserção no mercado de trabalho dos primeiros, pode-se pensar num perfil retilíneo no quadro de uso das formas reduzidas nas diferentes gerações, o que indicaria um perfil de variação estável.
2. São as mulheres que estão levando à frente tal variante inovadora, sabendo-se que essas têm maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente, os resultados parecem indicar que a ocorrência reduzida da negação não é estigmatizada socialmente.

Passa-se agora à análise dos fatores internos.

4.2.1.2. As Variáveis Independentes Internas

Será desenvolvida aqui a análise das variáveis lingüísticas que atuam sobre as estruturas contendo a forma plena da negação e as formas reduzidas. Foram investigadas as seguintes variáveis: Tipo de Oração (se encaixada ou não-encaixada), tipo de estrutura (se negativa pré-verbal ou dupla negativa), tipo de verbo (se perífrase ou não-perífrase) e retenção ou supressão do sujeito na oração.

Foi selecionado como estatisticamente significativos pelo programa Goldvarb 2001 apenas o fator tipo de estrutura em que a variante inovadora ocorre. Os resultados são apresentados na Tabela 9, a seguir:

Tabela 9
Taxa de uso das variantes inovadora e canônica
em função do tipo de estrutura

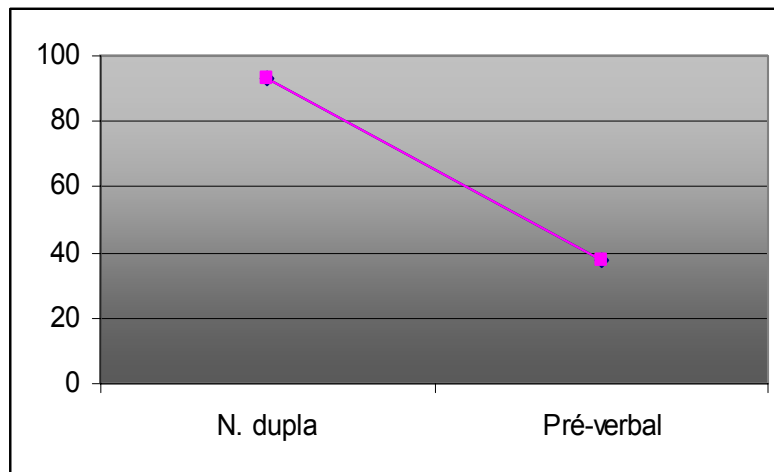
	Negativa Pré-verbal			Dupla negativa			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
<i>F. Plena</i>	129	16	.61	1	0	.65	130
<i>F. Reduzidas</i>	656	83	.38	132	99	.93	788
Total	785			133			918

Os dados mostram que a ocorrência das formas reduzidas em estruturas com dupla negativa é praticamente categórica, ocorrendo apenas um único dado com a realização plena da partícula em estruturas com dupla negativa. Esse dado, no entanto, apresenta uma peculiaridade, antes do segundo item negativo há uma pequena pausa que provavelmente representa a hesitação do falante durante seu ato de fala. A presença desse segundo *não* pode ter sido influenciada pelo contexto de pausa, uma vez que a informação negativa indicada pelo primeiro item negativo pode ter sido perdida durante a hesitação do falante na pronúncia da sentença. Veja abaixo:

(46) Acho que não [es]tão ... preparados não. (E 9)

O Gráfico 8 apresenta o efeito do tipo de estrutura sobre o uso da variante inovadora, usando os pesos relativos:

Gráfico 8
Efeito do tipo de estrutura sobre as variantes reduzidas



O primeiro aspecto a chamar a atenção nos resultados obtidos através da comparação entre o tipo de estrutura e a presença da variante é o peso relativo bastante alto na ocorrência das variantes reduzidas em estruturas com dupla negativa (.93).

Como apontado no capítulo referente ao estado da arte, estudos funcionalistas acreditam ser a redução da negação pré-verbal o que leva ao aparecimento do segundo *não* em estruturas negativas. Essa seria uma estratégia discursiva para suprir a erosão fonética do *não* antes do SV e o conseqüente esvaziamento do seu conteúdo semântico. Ramos (2002) testou a hipótese do surgimento do segundo item negativo como compensação ao primeiro, porém, seus resultados não comprovaram a hipótese, uma vez que a presença do item reduzido não foi categórica nas estruturas com dupla negativa, como era esperado.

Em estudo anterior (SOUSA, 2004), também avaliei essa proposição. A análise, cuja amostra era igualmente composta por dados coletados com informantes de Mariana (MG), apresentou os seguintes resultados: .57 de probabilidade de ocorrência do *num* contra .59 de *não* em estruturas com dupla negativa, o que não era quantitativamente significativo. A presença agora categórica de itens reduzidos em sentenças com dupla negativa parece indicar que é justamente o aparecimento do segundo *não* na estrutura o que favorece a redução.

Alkmim (2001) também descarta a hipótese do enfraquecimento da partícula negativa pré-verbal como o fator responsável pelo aparecimento do segundo *não* em

estruturas de dupla negativa, apontando como hipótese para o surgimento dessa estrutura um processo de *gramaticalização* no qual, o segundo *não* da construção, com valor discursivo, sendo um item que não fazia parte da oração, é, posteriormente, a ela incorporado. Uma das evidências encontradas pela autora foi a presença do pronome de tratamento *senhor* em diálogos de peças de teatro da primeira metade do séc. XIX, na expressão *não senhor*, que denotava formalidade. A descrição do processo de mudança envolveria quatro etapas:

1. Uso da expressão “**não, senhor**”, antecedida de vírgula (ou pausa) ao final de orações negativas:

(47) “E não é só isso, **não, senhor**”. (Ex. 193 de Alkmim, 2001)

2. A palavra *senhor* perde o acento e se torna um sufixo de polidez e a expressão soa como um trissílabo oxítono. Cai a vírgula (pausa) entre o *não* e a palavra *senhor*:

(48) “Depois não é, **não senhor**”. (Ex. 178 de Alkmim, Op.cit.)

3. Cai o sufixo de polidez:

(49) “Padre Augusto não veio por caridade, **não**”. (Ex. 179 de Alkmim, Op.cit.)

4. Cai a vírgula que separa o *não* da frase e esse, por se tornar leve e não pode ser mais enunciado isolado, incorpora-se a sentença:

(50) “Não estou puxando a sardinha para o meu lado **não**”.

(Ex. 181 de Alkmim, Op.cit.)

A análise de Alkmim (Op. cit.) também colabora para a hipótese de o aparecimento do segundo item negativo ser anterior à redução da negação pré-verbal. Para a confirmação dessa análise, no entanto, seria necessário um estudo diacrônico em que se verificasse se o aparecimento das formas reduzidas da negação é realmente posterior ao do *não* pós-verbal.

Esse tipo de estrutura contendo dois itens com uma mesma função também se parece muito com estruturas de redobro de clítico como em “Não me diz isso pra mim”;

estruturas essas freqüentes no período sincrônico da língua. Tal fato faz supor que o PB seja uma língua em que estruturas de redobro sejam recorrentes.

Continuando a apresentação dos resultados obtidos com a análise dos fatores internos, tem-se que os fatores tipo de Oração, tipo de verbo e retenção ou supressão do sujeito na oração não foram selecionados como estatisticamente significativos pelo programa Goldvarb. No entanto, os resultados relativos a esses fatores são também interessantes para a análise que aqui desenvolvemos. Optamos, então, por apresentar uma descrição também desses fatores.

O primeiro fator não selecionado, importante a nossa análise, é o fator tipo de oração. Os resultados referentes a essa variável são apresentados na Tabela 10, a seguir:

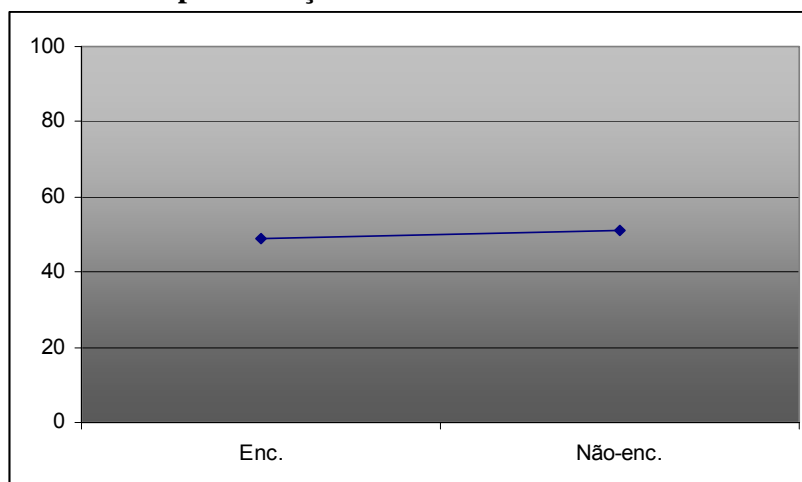
Tabela 10
Taxa de uso da variante inovadora e canônica
em função do tipo de oração

	Or. encaixada			Or. não-encaixadas			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
<i>F. Plena</i>	24	15	.50	106	15	.49	130
<i>F. Reduzidas</i>	140	85	.49	648	85	.50	788
Total	164			754			918

Os pesos relativos para cada variante de acordo com o tipo de oração são quase idênticos.

O Gráfico 9 apresenta o efeito do tipo de oração sobre a ocorrência das variantes reduzidas, usando os pesos relativos:

Gráfico 9
Efeito do tipo de oração sobre o uso das formas reduzidas



O primeiro aspecto a chamar a atenção nos resultados obtidos através da comparação entre o tipo de oração e a presença dessa variante negativa é o peso relativo praticamente idêntico para as orações não-encaixadas (.50) e para as encaixadas (.49). Segundo Vennemann (1973), Givón (1974) e Green (1975), as formas inovadoras são mais freqüentes em orações principais e absolutas.

Esses resultados corroboram a predição de variação estável, uma vez que a probabilidade de uso da variante inovadora ‘formas reduzidas’ não é estatisticamente mais presente em orações não-encaixadas.

Os resultados da análise com relação ao fator ‘tipo de verbo’, apresentou os seguintes valores:

Tabela 11
Taxa de uso da variante inovadora e canônica
em função do tipo de verbo

	Não-perífrase			Prerífrase			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
<i>F. Plena</i>	107	15	.49	23	15	.52	130
<i>F. Reduzidas</i>	652	85	.50	136	85	.47	788
Total	759			159			918

Os resultados não apontam favorecimento da variante inovadora pela realização perifrástica (.47).

Utilizando o peso relativo, tem-se, no Gráfico 10, o perfil da inovadora com relação ao fator tipo de verbo:

Gráfico 10
Taxa de uso da variante ‘formas reduzidas’ em função do fator
Tipo de verbo
{ SHAPE * MERGEFORMAT }

Os dados mostram que a diferença entre a distribuição das formas reduzidas em virtude do tipo de verbo não varia muito. Há, no entanto, um favorecimento pouco significativo de probabilidade de ocorrência em realizações não-perifrásticas (.50) em comparação com as formas perifrásticas (.47).

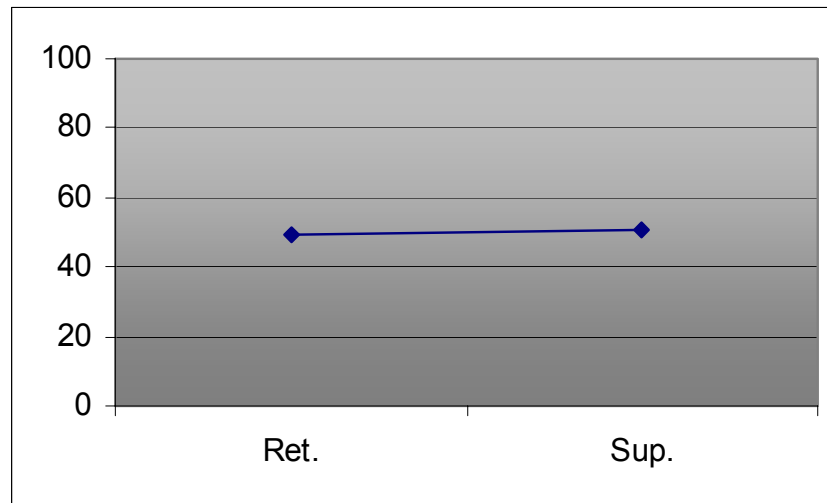
O fator interno supressão/ retenção de sujeito na oração que contém o item negativo, também foi analisado. Os resultados estão na Tabela 12:

Tabela 12
Taxa de uso da variante ‘formas reduzidas’ em função do fator
supressão/retenção do sujeito

	<i>F. Plena</i>			<i>F. Reduzidas</i>			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
<i>Retenção de sujeito</i>	387	85	.49	67	15	.49	454
<i>Supressão de sujeito</i>	395	85	.51	69	15	.51	464
Total	782			136			918

O Gráfico 11, utilizando o peso relativo, vai mostrar o perfil da variante, com relação ao fator retenção/supressão de sujeito:

Gráfico 11
Efeito do fator supressão/retenção de sujeito sobre
a variante ‘formas reduzidas’



Os resultados mostram que a redução da negação não é favorecida pela presença do sujeito na oração. Tal fato sugere que a presença ou não de um elemento à esquerda não afeta a redução do *não*.

Nessa subseção vimos que o único fator interno estatisticamente significativo para a ocorrência da redução do item negativo pré-verbal é o tipo de estrutura, se negativa pré-verbal ou dupla negativa. Esses resultados indicam que há uma predileção para a ocorrência de elementos negativos mais reduzidos em construções com negativa dupla.

Os fatores não selecionados como significativos também foram importantes para a análise. A partir do fator tipo de oração, por exemplo, foi possível verificar que as formas reduzidas apresentam um comportamento diferente do esperado para uma variante inovadora, uma vez que essas são mais comuns em orações não-encaixadas.

Passa-se, agora, às conclusões gerais a que as análises acústica e quantitativa nos permitiram chegar.

4.3. Conclusões

Os dados analisados permitem as seguintes avaliações das hipóteses:

- 1) Há um processo de redução envolvendo a negação no PB. Os resultados da análise da duração mostraram uma redução gradual, os valores foram: 150.4 ms para *não*,

130.9 ms para *num* e 80.5 ms para *nu*. Houve também ocorrências como [ũ], como elemento anafórico, e o *n'*, com contexto de ocorrência muito próxima à de um afixo.

- 2) Quanto à etapa de um possível processo de *gramaticalização* para a negação do PB, vimos que os itens *num* e *nu* podem ser classificados como a etapa clítico do processo; já, o segmento *n'* apresenta indícios da etapa afixo. Não foi possível, porém, decidir categoricamente se se trata de afixo ou clítico. Caso se trate de um afixo, esse seria do tipo flexional.
- 3) Quanto à análise quantitativa, muitos dos fatores analisados não foram considerados como estatisticamente significativos pelo Programa Goldvarb. No entanto, pôde-se chegar a algumas conclusões.
 - a. Pode-se dizer que o perfil de variação estável ocorre no *corpus* se se considerar que a faixa etária dos jovens apresentou queda no uso da variante inovadora devido a características próprias a essa faixa etária, maior grau de escolaridade e inserção dos homens no mercado de trabalho. Os informantes homens e jovens mostram um desempenho diverso do das mulheres da mesma faixa etária, uma possível explicação apresentada é que enquanto as mulheres desse grupo possuem situação financeira estável, os homens estão ainda se inserindo no mercado de trabalho.
 - b. O fator gênero/sexo foi selecionado como estatisticamente significativo. Os pesos relativos dessa análise (.55 feminino, .44 masculino) sugerem que a variante não é estigmatizada, uma vez que, nos estudos de Sociolinguística, é freqüente a afirmação de que as mulheres têm maior preferência pelas variantes linguísticas mais privilegiadas socialmente. Tal fato é ratificado por teste de aceitação aplicado entre falantes da comunidade.
 - c. O fator interno tipo de estrutura foi o único fator interno selecionado pelo programa Goldvarb como estatisticamente significativo. Os resultados em peso relativo foram: .93 para uso da variante reduzida em negativas duplas e .38 para negativas pré-verbais. Tal fato parece indicar que a presença do segundo *não* na estrutura favorece a redução.

- d. Outros fatores internos que foram considerados pouco significativos estatisticamente também foram úteis para a análise. A partir da análise do tipo de oração, se encaixada ou não-encaixada, verificou-se que as formas reduzidas apresentam um perfil diferente do esperado em uma variante inovadora, já que a sua distribuição é similar em ambos tipos de oração.
- 4) O fato de o resultado indicar variação estável inicialmente não ajuda muito quanto à hipótese de *gramaticalização*, mas pode também mostrar que o processo já está adiantado, ou seja, a etapa da cliticização desse processo já estaria consolidada.

CAPÍTULO V

Considerações Finais

“Não há, em parte alguma, última palavra, se não for no sentido em que última palavra é nem palavra...”

Jacques Lacan

O objetivo geral desse trabalho foi fornecer uma análise das formas reduzidas da negação no PB. Para tanto, nos pautamos na noção de *gramaticalização*, numa análise acústica e na metodologia variacionista.

Realizou-se essa investigação com o intuito de responder às seguintes questões:

1. Há um processo de redução envolvendo o elemento negativo pré-verbal no PB?
2. Se a resposta a (1) for positiva, essa caminha em que direção: De forma livre para clítico? De clítico para afixo?

Através da análise acústica verificou-se a ocorrência das formas reduzidas previstas, *num* e *nu*, e também a existência de itens como [ũ], funcionando como elemento anafórico, e o *n'*, com contexto de ocorrência muito próximo a de um afixo.

Quanto à primeira questão, pudemos demonstrar, através da análise acústica dos segmentos, que há uma redução gradual da negação pré-verbal. Os valores médios de duração em milésimos de segundo por item foram: 150.4 para *não*, 130.9 para *num*, 80.5 para *nu* e 55 para [ũ]. A análise de duração para o segmento *n'* não foi possível devido a dificuldade de reconhecimento do segmento nasal no espectrograma e, conseqüente, medição.

Já em relação ao reconhecimento de um processo de *gramaticalização* envolvendo a negação no PB, a redução do segmento parece evidenciá-la, porém, a análise do caráter da variação, considerado estável, não era o esperado. Pode-se, no entanto, supor que o processo se encontre bastante adiantado.

A classificação gramatical das variantes da negação foi realizada observando-se, principalmente, critérios fonológicos e sintáticos. Vimos que os itens *num* e *nu* podem ser considerados clíticos. Já para o segmento *n'*, que aparenta ser um afixo, a atribuição de um estatuto gramatical nos pareceu mais complicada, uma vez a literatura sobre as distinções entre clíticos e afixos não segue critérios suficientemente objetivos.

É interessante observar que a presença de formas reduzidas em estruturas com dupla negativa é quase categórica. Tal fato parece indicar que há uma relação entre o

aparecimento do segundo *não* e a redução da negação pré-verbal; seria o surgimento desse segundo elemento um fator favorecedor da redução. Resultado oposto ao apresentado em estudos de abordagem funcionalista.

Os resultados do presente estudo levantam também questões com relação às etapas do continuum de *gramaticalização*, parece haver um estágio de afixação sintática anterior ao afixo flexional em que o item em processo de afixação é mais independente que um afixo pleno, porém, mais preso que um clítico. O desenvolvimento dessas questões ficará, no entanto, a cargo de pesquisas futuras.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, v. 2, n. 31, p. 41-50, 1996.

ALKMIM, M.G.R. de Sobre a Origem da dupla negativa no Português do Brasil. Trabalho apresentado na semana de Letras da FALE/UFMG. Mimeog. 1998.

_____. Ação de Dois Fenômenos no processo de Mudança em Negativas Sentenciais do Dialeto Mineiro. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*, Florianópolis, 1999.

_____. *As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: uma Abordagem Variacionista*, 2001, 260 p. Tese de Doutorado, UFMG.

_____. Negativas pré- e pós-verbal: Implementação e Transição. In: Cohen, M.A.A.M. & Ramos, J.M. *Dialeto Mineiro e outras Falas – Estudo de Variação e Mudança Lingüística*. BH: Ed. da UFMG, 2002. p.169-182

BAKER, Mark. C. *Incorporation: A Theory of Gramatical Function Changing*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1997.

BRAGA, M.L. & MOLLICA, M. C. (Orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

BYBEE, Joan & PAGLIUCA, William. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In.: Jacek Fisiak (ed.) *Historical Semantics and Historical Word Formation*, p. 58-83. Berlin: de Gruyter, 1985.

BYBEE, Joan. *Phonology and Language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In.: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Vol. 23, jul./dez. 1992.

_____. O clítico e seu status prosódico. In.: *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte. Vol. 9, nº 1, 2000.

_____. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2001.

_____. O clítico e seu hospedeiro. In.: *Letras de Hoje*. Porto alegre. V. 40, nº3, p. 163-184, setembro, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: Instituto de Estudos Lingüísticos da Unicamp, 1981. 185 p. (Tese, Livre Docência).

CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de Lingüística Geral*. R.J., Padrão, 1977, 323p.

CAMARGOS, M. *Negativas [V Não]: uma abordagem minimalista*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998. (Dissertação, Mestrado em Lingüística)

CARENO, M.F. e PETER, M.M.T. Observações sobre o uso da estrutura negativa. *Papia*. V3, n.2. p 98-102. 1994.

CASTILHO, Ataliba. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, v.1, p. 107-120, 1997a.

_____. A Gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: UFBA, 1997b. n.19, pp.25-64.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. The MIT Press: Cambridge, 1995.

CIRÍACO, L.; VITRAL, L. & REIS, C. Intensidade e Duração de Formas Reduzidas do Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol 12, nº2, 2004. p.143-157.

CLARK, John & YALLOP, Collin. *An introduction to phonetics and phonology*. 2ª ed. Cambridge: Blackwell, 1995.

COELHO, Sueli M. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos auxiliares ter, haver, ser, estar e ir no português*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras – ufmg, 2006. (Tese de doutorado)

COHEN, M. A. Gramaticalização e Reanálise na Língua Portuguesa: Flaux, N., M.Glatigny & D.Samain (eds), *Les Noms Abstracts*. Histoire et Théories, Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 1988.

CÔRREA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolingüística*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, 1998.

DUARTE, M.E.L. Do pronome nulo ao pronome pleno: A trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: Roberts, I & Kato, M.A. (orgs.) *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora UNICAMP, 1993, p. 107-128.

DUARTE, M. E. L.. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. 1986. Dissertação (Mestrado) – PUC, São Paulo.

EINSTEN, Albert. O Experimento de Einsten, Podolski e Rosen. Uma carta de Albert Einstein. In.: POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2003.

FERNANDES, Norma. Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e entonação do português. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1976. 170p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, 1958. 14: 47-56.

FONTANA, J. *Phrase structure and the syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. PhD. Dissertação Universidade da Pennsylvania, Philadelphia.

_____. On the integration of second position phenomena. In: KEMERADE, A. van; VICENT, N. (eds.). *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramaticalização dos Mecanismos de Negação em Natal. IN: Martelotta, Votre & Cezário (org.) *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. R.J.: Tempo Brasileiro, 1996, p. 167-189.

FURTADO DA CUNHA, M.A. Variação e Mudança no Domínio funcional da Negação. *GRAGOATÁ* Vol. 9 2º semestre, 2000. p. 155-170.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. & VOTRE, S. A interação Sincronia/Diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA* n1 Vol 15. p.85-111, 1999.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria B. M.. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In.: *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

GIVÓN, T. *Toward a Discourse Definition Syntax*. MS University of California, 1974.

GREEN, G. Main Clauses Phenomena in Subordinate Clauses. *Language* 52, 1975. p. 382-97.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HAEGEMAN, L. & ZANUTTINI, R. Negative heads and the Neg Criterion. *The Linguistic Review*, 8: 233-51, 1991.

HALPERN, Aaron L. Clitics. In.: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M.. *The handbook of morphology*. Massachusetts: Blackwell, 1998.

_____. *On the Placement and Morphology of Clitics*. California: CSLI Publications, 1995

HEINE, B., B. HÜNNEMEYER & U.CLAUDI. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.& E. TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Über das Entstehen der grammatikalischen Formen und ihren Einfluß auf die Ideenentwicklung. *Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, 1825.

ILLARI, R. et alii. Considerações sobre a Posição do Advérbio. In: Castilho A.T. de *Gramática do Português Falado*. SP: Ed. UNICAMP, 1991, p. 63-141.

JESPERSEN, Jens Otto. *The Philosophy of Grammar*. New York: The Norton Library, 1965.

JESUS, Marisa de Souza. *Estudo fonético da nasalidade vocálica em falantes normais e com fissura do palato: um enfoque acústico*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999. 153 p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

KROCH, Antony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language variation and change* 1: 199-244, 1989.

_____ Morphosyntactic variation. In.: K. Beals, editor, *Proceedings of thirtieth annual meeting of the Chicago Language society*, vol. 2, pp. 108-201. Chicago: Chicago Linguistic society, 1994.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____ Negative attraction and negative concord in English grammar. *Language* 48. p. 773-818, 1972 b.

_____ *Principles of Linguistic Change*. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994. 641p.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

MARTELOTTA, M., S. VOTRE & M.M. CEZARIO (orgs). *Gramaticalização no Português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTINS, A.M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

MEILLET, A. L'Evolution des Formes Grammaticales. In: *Scientia* (Rivista di Scienza) 12, N° 26, 6, 130-48, 1912 . Reeditado em MEILLET 1958.

_____ *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1958.

MENDES, R. *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999 (Dissertação de mestrado).

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In.: BRAGA, M.L. & MOLLICA, M. C. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. 15-26.

OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, N. P. de. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função do sujeito. In.: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 309- 324.

PAIVA, Maria. C. A variável gênero/sexo. BRAGA, M.L. & MOLLICA, M. C. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

POGGIO, Rosaura M. G. F. *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: Uma abordagem funcionalista*. Salvador: Edufba, 2002.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2003.

RAMOS, Jânia M. A Alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança linguística. In: Cohen, M.A.A.M. & Ramos, J.M. *Dialeto Mineiro e outras Falas – Estudo de Variação e Mudança Linguística*. BH: Editora da UFMG, 2002. p. 155-167.

ROBERTS, Ian. *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht: Foris, 1993.

RONCARATI, C.N. Ciclos de Aquisição da Negação. In: Roncarati, C. & Mollica, M.C. (orgs.) *Variação e Aquisição*. RJ: Tempo Brasileiro, 1996, p. 65-102.

_____. A negação no Português falado. In: Macedo, A.T. et al. (Orgs.). *Variação e Discurso*. RJ: Tempo Brasileiro, 1997, p.65-102.

SCALISE, Sérgio. *Generative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In.: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.239-264.

SCHWEGLER, A. Predicate Negation and word-order change – A problem of multiple causation. *Lingua* 61: s97-334, 1983.

_____. Negation in Palenquero: synchrony. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 6: 165-214, 1991d.

SELKIRK, Elisabeth O. *The Syntax of Words*. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 1986.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUSA, Lílian T. Redução do item negativo pré-verbal *não*: Uma abordagem variacionista. *Revista Alpha*, 2005.

_____. *Variação na partícula negativa pré-verbal em negativas sentenciais no dialeto mineiro*. Monografia de bacharelado. ICHS/UFOP. 2004. 82p.

SOUSA, Lílian T. & Alkmim, Mônica G. R. *A alternância não/num: Um caso de mudança lingüística?* Ouro Preto: Caderno de resumos do XI Seminário de Iniciação Científica, 2003.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1991.

SCIULLO, Anna M. di; WILLIAMS, Edwin. *On the Definition of Word*. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 1988.

SPORTICHE, Dominique. Clitic construction. In.: ZARING, L.; ROORYC, J. (eds.) *Phrase structure and the lexicon*. Bloomington, Indiana: IULC, 1992.

TENANI, L. A importância da proeminência da frase fonológica no português brasileiro. In.: *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da ufmg v.12, n. 2, p. 289-318, 2004.

TRAUGOTT, E. & B. HEINE. (orgs.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VENNEMANN, T. Explanation in Syntax. *Syntax and semantics*. New York: Academic Press. Vol. 2, 1973. p. 1-50

VIANNA, Humberto L. G. *A estrutura modal + infinitivo em português: gramaticalização e modalização*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras- ufmg, 2000. 216f. (Dissertação de mestrado)

VITRAL, Lorenzo T. A Forma Cê e a Noção de Gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.5, pp.115-124, 1996.

_____. A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística. *D.E.L.T.A.*. Vol. 15, nº 1, 1999. p. 57-84

_____. Sintaxe Formal e Gramaticalização: roteiro de uma pesquisa. In.: Nicolau, E (org.). *Estudos sobre a estrutura gramatical da linguagem*, Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

_____. O Papel da Frequência na Identificação de Processos de Gramaticalização. *Revista Scripta*, PUC/MG, 2005 (a sair).

_____. & RAMOS, J. *Gramaticalização: Uma abordagem formal*. Belo Horizonte: Tempo brasileiro, 2006.

ZANUTTINI, R. *The Structure of Negation Clause in Romance*. Ms. University of Pennsylvania, 1989.

ZWICKY, Arnold. Clitics and particles. *Language*. 1985. 61 vol.2: 283-305

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (ed.) *Directions for historical linguistics*, Austin: University of Texas Press, 1968 p. 97-189.

Anexo 1

Ficha dos informantes

QUESTIONÁRIO

Informante (iniciais): _____

Sexo: () feminino () masculino

Data de Nascimento: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Grau de Instrução: _____

Local de Nascimento: _____

Se residiu em outros lugares: _____

Qual é a naturalidade dos pais:

Pai: _____

Mãe: _____

Informações adicionais:

Possui vínculo empregatício: () sim () Não

Tipo de trabalho: _____

Faixa salarial: _____

Anexo 2

Termos de consentimento

TERMO DE CONCORDÂNCIA

Eu, _____ portador do documento de identidade _____ e CPF _____ concordo em ser informante da pesquisa sobre o tema *Variação e Mudança lingüística* realizada pela mestrandia Lílian Teixeira de Sousa do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos (poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e supervisionada pelo Profº Drº Lorenzo Teixeira Vitral.

Estou ciente e acordado com a coleta, análise e publicação dos resultados para fins científicos a partir de dados colhidos pela citada aluna na residência do próprio informante.

Mariana, __ de _____ de 2005.

Testemunhas:

TERMO DE CONCORDÂNCIA

Eu, _____ portador do documento de identidade _____ e CPF _____ autorizo meu filho _____ a ser informante da pesquisa sobre o tema *Varição e Mudança lingüística* realizada pela mestrandia Lílian Teixeira de Sousa do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos (poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e supervisionada pelo Profº Drº Lorenzo Teixeira Vitral.

Estou ciente e acordado com a coleta, análise e publicação dos resultados para fins científicos a partir de dados colhidos pela citada aluna na residência do próprio informante.

Mariana, __ de _____ de 2005.

Testemunhas:

Anexo 3

Teste de Atitude

Informante ____:

Avaliação	Grau de instrução	
	<i>Alto</i>	<i>Baixo</i>
<i>Sentenças</i>		
1. Eu não gosto de viajar.		
2. Eu num sou de Mariana.		
3. Minha família nu me ajudou em nada.		
4. Nad ianta nada se você não trabalhar.		
5. Eu não sei usar fotoshop.		
6. Eu num gosto de comer verdura.		
7. Nu sei de nada.		
8. Né ra isso que eu queria dizer.		
9. Eu não sei se eu passei no teste.		
10. Eu num quero falar disso.		
11. Nu sei se eu viajo hoje ou amanhã.		
12. Isso n importa.		

Justificativa (critério utilizado pelo informante):

Anexo 4

Resultados do Goldvarb 2001

Resultados do Goldvarb 2001

CELL CREATION

=====

Name of token file:

Untitled.tkn

Name of condition file:

Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

)

Number of cells: 117

Application value(s): 24

Total no. of factors: 15

Group 2 4 Total %

1 (2)

c N 127 14 141

15 % 90 9

m N 141 18 159

17 % 88 11

j N 172 63 235

25 % 73 26

i N 198 12 210

22 % 94 5

a N 150 23 173

18 % 86 13

Total N 788 130 918

 % 85 14

2 (3)

o N 377 70 447

48 % 84 15

f N 411 60 471

51 % 87 12

Total N 788 130 918

 % 85 14

3 (4)

d N 132 1 133

14 % 99 0

p N 656 129 785

85 % 83 16

Total N 788 130 918

 % 85 14

4 (5)

n N 648 106 754

82 % 85 14

e N 140 24 164

17 % 85 14

Total N 788 130 918

 % 85 14

5 (6)

s N 652 107 759

82 % 85 14

r N 136 23 159

17 % 85 14

Total N 788 130 918

 % 85 14

6 (7)

\$ N 391 64 455

49 % 85 14

@ N 396 66 462

50 % 85 14

Total N 787 130 917

 % 85 14

Total N 788 130 918

```

      %      85      14
Name of new cell file:
Untitled.cel

Binomial Varbrul
=====
Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0,050001

# Stepping up:
# Stepping up:

----- Level # 0 -----
Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0,858
Log likelihood = -374,433

----- Level # 1 -----
Run # 2, 5 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0,875
Group # 1 -- c: 0,564, m: 0,528,
j: 0,281, i: 0,702, a: 0,482
Log likelihood = -352,191
Significance = 0,000

Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0,859
Group # 2 -- o: 0,469, f: 0,529
Log likelihood = -373,628
Significance = 0,206

Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 3 -- d: 0,942, p: 0,384
Log likelihood = -356,611
Significance = 0,000

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0,858
Group # 4 -- n: 0,502, e: 0,491
Log likelihood = -374,415
Significance = 0,857

Run # 6, 2 cells:
Convergence at Iteration 3

```

```

Input 0,858
Group # 5 -- s: 0,501, r: 0,494
Log likelihood = -374,426
Significance = 0,905

Run # 7, 3 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0,858
Group # 6 -- $: 0,502, @: 0,498
Log likelihood = -374,429
Significance = 0,929

Add Group # 3 with factors dp

----- Level # 2 -----
Run # 8, 10 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,583, m: 0,517,
j: 0,291, i: 0,695, a: 0,469
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Log likelihood = -336,613
Significance = 0,000

Run # 9, 4 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 2 -- o: 0,475, f: 0,524
Group # 3 -- d: 0,941, p: 0,385
Log likelihood = -356,089
Significance = 0,310

Run # 10, 4 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 3 -- d: 0,942, p: 0,384
Group # 4 -- n: 0,501, e: 0,494
Log likelihood = -356,603
Significance = 0,902

Run # 11, 4 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 3 -- d: 0,942, p: 0,384
Group # 5 -- s: 0,500, r: 0,498
Log likelihood = -356,610
Significance = 0,970

Run # 12, 5 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 3 -- d: 0,942, p: 0,384
Group # 6 -- $: 0,503, @: 0,497
Log likelihood = -356,604
Significance = 0,904

```

Add Group # 1 with factors cmjia

----- Level # 3 -----

Run # 13, 20 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,287, i: 0,721, a: 0,448
Group # 2 -- o: 0,445, f: 0,552
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Log likelihood = -334,499
Significance = 0,043

Run # 14, 19 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,583, m: 0,517,
j: 0,291, i: 0,694, a: 0,469
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Group # 4 -- n: 0,501, e: 0,496
Log likelihood = -336,611
Significance = 0,947

Run # 15, 20 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,584, m: 0,517,
j: 0,290, i: 0,695, a: 0,470
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Group # 5 -- s: 0,504, r: 0,482
Log likelihood = -336,555
Significance = 0,739

Run # 16, 21 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,584, m: 0,517,
j: 0,291, i: 0,694, a: 0,470
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -336,607
Significance = 0,917

Add Group # 2 with factors of

----- Level # 4 -----

Run # 17, 38 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,287, i: 0,721, a: 0,448
Group # 2 -- o: 0,445, f: 0,552
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 4 -- n: 0,500, e: 0,499

Log likelihood = -334,499
Significance = 0,991

Run # 18, 39 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,286, i: 0,722, a: 0,449
Group # 2 -- o: 0,444, f: 0,553
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,476
Log likelihood = -334,398
Significance = 0,665

Run # 19, 41 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,554, m: 0,533,
j: 0,286, i: 0,721, a: 0,448
Group # 2 -- o: 0,445, f: 0,552
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -334,492
Significance = 0,907

No remaining groups significant

Groups selected while stepping
up: 3 1 2
Best stepping up run: #13

Stepping down:
Stepping down:

----- Level # 6 -----

Run # 20, 117 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,285, i: 0,721, a: 0,449
Group # 2 -- o: 0,444, f: 0,553
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 4 -- n: 0,500, e: 0,501
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,476
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -334,391

----- Level # 5 -----

Run # 21, 30 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 2 -- o: 0,475, f: 0,524
Group # 3 -- d: 0,941, p: 0,385

Group # 4 -- n: 0,501, e: 0,494
Group # 5 -- s: 0,501, r: 0,496
Group # 6 -- \$: 0,503, @: 0,498
Log likelihood = -356,075
Significance = 0,000

Run # 22, 68 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,584, m: 0,517,
j: 0,290, i: 0,694, a: 0,470
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Group # 4 -- n: 0,500, e: 0,498
Group # 5 -- s: 0,504, r: 0,482
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,502
Log likelihood = -336,549
Significance = 0,041

Run # 23, 73 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,877
Group # 1 -- c: 0,535, m: 0,540,
j: 0,273, i: 0,731, a: 0,464
Group # 2 -- o: 0,436, f: 0,560
Group # 4 -- n: 0,500, e: 0,499
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,475
Group # 6 -- \$: 0,494, @: 0,506
Log likelihood = -349,065
Significance = 0,000

Run # 24, 72 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,285, i: 0,721, a: 0,449
Group # 2 -- o: 0,444, f: 0,553
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,476
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -334,391
Significance = 0,977

Run # 25, 73 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,554, m: 0,533,
j: 0,286, i: 0,721, a: 0,448
Group # 2 -- o: 0,445, f: 0,552
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 4 -- n: 0,500, e: 0,500
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -334,491
Significance = 0,666

Run # 26, 66 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904

Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,286, i: 0,722, a: 0,449
Group # 2 -- o: 0,444, f: 0,553
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 4 -- n: 0,500, e: 0,500
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,476
Log likelihood = -334,398
Significance = 0,906

Cut Group # 4 with factors ne

----- Level # 4 -----

Run # 27, 17 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 2 -- o: 0,475, f: 0,524
Group # 3 -- d: 0,941, p: 0,385
Group # 5 -- s: 0,501, r: 0,496
Group # 6 -- \$: 0,502, @: 0,498
Log likelihood = -356,081
Significance = 0,000

Run # 28, 40 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,584, m: 0,517,
j: 0,290, i: 0,695, a: 0,470
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Group # 5 -- s: 0,504, r: 0,482
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -336,549
Significance = 0,041

Run # 29, 40 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,877
Group # 1 -- c: 0,535, m: 0,540,
j: 0,273, i: 0,731, a: 0,464
Group # 2 -- o: 0,436, f: 0,560
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,474
Group # 6 -- \$: 0,494, @: 0,506
Log likelihood = -349,066
Significance = 0,000

Run # 30, 41 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,554, m: 0,533,
j: 0,286, i: 0,721, a: 0,448
Group # 2 -- o: 0,445, f: 0,552
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 6 -- \$: 0,497, @: 0,503
Log likelihood = -334,492
Significance = 0,666

Run # 31, 39 cells:

Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,286, i: 0,722, a: 0,449
Group # 2 -- o: 0,444, f: 0,553
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,476
Log likelihood = -334,398
Significance = 0,909

Cut Group # 6 with factors \$@

----- Level # 3 -----

Run # 32, 8 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 2 -- o: 0,475, f: 0,524
Group # 3 -- d: 0,941, p: 0,385
Group # 5 -- s: 0,501, r: 0,496
Log likelihood = -356,086
Significance = 0,000

Run # 33, 20 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,584, m: 0,517,
j: 0,290, i: 0,695, a: 0,470
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Group # 5 -- s: 0,504, r: 0,482
Log likelihood = -336,555
Significance = 0,041

Run # 34, 20 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,877
Group # 1 -- c: 0,534, m: 0,540,
j: 0,274, i: 0,731, a: 0,463
Group # 2 -- o: 0,436, f: 0,560
Group # 5 -- s: 0,505, r: 0,474
Log likelihood = -349,098
Significance = 0,000

Run # 35, 20 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,904
Group # 1 -- c: 0,553, m: 0,533,
j: 0,287, i: 0,721, a: 0,448
Group # 2 -- o: 0,445, f: 0,552
Group # 3 -- d: 0,934, p: 0,389
Log likelihood = -334,499
Significance = 0,665

Cut Group # 5 with factors sr

----- Level # 2 -----

Run # 36, 4 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,891
Group # 2 -- o: 0,475, f: 0,524
Group # 3 -- d: 0,941, p: 0,385
Log likelihood = -356,089
Significance = 0,000

Run # 37, 10 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,903
Group # 1 -- c: 0,583, m: 0,517,
j: 0,291, i: 0,695, a: 0,469
Group # 3 -- d: 0,937, p: 0,388
Log likelihood = -336,613
Significance = 0,043

Run # 38, 10 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,877
Group # 1 -- c: 0,534, m: 0,540,
j: 0,275, i: 0,730, a: 0,463
Group # 2 -- o: 0,437, f: 0,560
Log likelihood = -349,217
Significance = 0,000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping
down: 4 6 5
Best stepping up run: #13
Best stepping down run: #35

